

## *Oito*

# OUTRO EVANGELHO

“*Another Gospel*” (Outro Evangelho) é o *capítulo 8* do livro “*They Never Told Me This in Church!*” (“Eles Nunca Me Disseram Isto na Igreja!”)

Todas as citações bíblicas neste estudo em português foram retiradas da Versão Bíblica Juan Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada (ARA). Publicações eletrônicas. — Salvo indicação em contrário. Estas citações estão entre aspas e em caracteres ITÁLICOS.

**Tradução** (Translation): Fernando Coutinho Sánchez,  
Machalí-Osorno, Chile. Novembro de 2025



“*Maravilho-me de que tão depressa passásseis daquele que vos chamou à graça de Cristo para outro evangelho*”  
(*Gálatas 1:6*).

No seu “*Honest to Jesus*” (Honesto com Jesus), *Robert Funk* conta a história de um homem que brinca à apanhada com o seu cão. De vez em quando finge que está a atirar a bola e depois, enquanto o cão está a desviar o olhar, atira-a mesmo. Como o cão não se apercebeu deste engano, senta-se pacientemente aos pés do dono e espera. O seu professor aponta na direção da bola. O cão, sem compreender o significado daquele gesto, ladra para o dedo que aponta. *Funk* aplica então a história à Igreja. Diz que os seguidores posteriores de Jesus são como aquele cão: Jesus aponta para algum horizonte nas suas parábolas, algum além fabuloso, algo a que chamou o estado (ou Reino) de Deus, que ele vê, mas para o qual o resto de nós está cego. Como cães, ladramos ao dedo que aponta, alheios à impressionante cena atrás de nós. Tudo o que precisamos de fazer é virar-nos e olhar para onde ele aponta. O movimento de Jesus, a Igreja do Novo Testamento (NT), cedo trocou a visão. Não conseguiram manter a visão resumida nas parábolas de Jesus e noutros veículos verbais, e perderam a história. Não sabiam celebrar a visão de Jesus sobre o Reino de Deus. [1]

Eu também era como aquele cão que ladrava na direção errada. Se alguém soubesse o que era pregar o Evangelho, acreditaria que eu sabia. Nascido e criado numa forte tradição evangélica das Igrejas de Cristo, aos 12 anos fui à frente de uma reunião da igreja e confessei Cristo como meu “Senhor e Salvador pessoal” e fui batizado por imersão total. Sentei-me sob a supervisão de vários evangelistas australianos e americanos importantes durante a minha adolescência e ouvi-os explicar o Evangelho aos “não salvos”. Depois fui para a Faculdade Bíblica em Sydney durante quatro anos e depois de me formar passei mais de uma década a pregar o Evangelho não só como pastor em igrejas locais, mas também como evangelista em toda a Austrália (exceto no estado da Austrália Ocidental). “Eu preguei o evangelho” em todos os tipos de reuniões e ambientes, desde pregações ao ar livre nas ruas até grandes cruzadas combinadas por toda a cidade, até visitas individuais à porta de casa, convenções de jovens, pequenos-almoços de empresários e reuniões das mulheres. pequenos-almoços, programas de rádio e até no estrangeiro. Ajudei centenas de pessoas a chegar à fé pessoal em Cristo ainda muito jovens. Sim, conhecia o Evangelho. Poderia

apresentar as “Quatro Leis Espirituais”, e se quisesse tornar-se membro das Igrejas de Cristo, também conhecia a versão mais longa dos “Cinco Dedos”!

A seguinte citação de um tratado evangélico de *Billy Graham* era típica da minha abordagem bem praticada:

“Se ler as epístolas de Paulo, perceberá que a mensagem se centra em três coisas: morte, sepultura e morrer. A mensagem centra-se em três coisas: a morte, o sepultamento e a ressurreição de Cristo. No que diz respeito a Paulo, Cristo Jesus veio fazer a obra de três dias: esta obra começou quando ele foi pregado na cruz e terminou quando Deus o ressuscitou dos mortos. Paulo nunca falou da vida terrena do nosso Senhor – o seu batismo, o seu batismo, a sua tentação, os seus milagres, os seus ensinamentos ou mesmo os seus sofrimentos no jardim do Getsémani. Isto é consistente com o resto do Novo Testamento, pois devemos lembrar que Cristo não veio principalmente para pregar o Evangelho (embora tenha anunciado a libertação do prisioneiro), mas sim que haveria um Evangelho para pregar. Este evangelho foi conquistado e tornado realidade através do seu trabalho na cruz. Devemos recordar que Jesus Cristo viveu o Sermão da Montanha durante 30 anos antes de o pregar. Os seus ensinamentos e a sua vida sem pecado nunca mudaram uma vida ou libertaram uma pessoa da vida de pecado. Só a sua morte na cruz poderia fazer isso”. [2]

Sim, senhor. Eu teria dado o meu mais sincero “Ámen” a esta versão do Evangelho. Não nos disse o apóstolo Paulo que Jesus essencialmente “veio fazer três dias de trabalho”? Paulo não concordou que a mensagem do Evangelho “se centra em três coisas: a morte, o sepultamento e a ressurreição de Cristo”? Bem, escreva:

*“Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, E que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras...” (1 Coríntios 15:3, 4)*

Um dia, porém, percebi que esta definição clássica do Evangelho não diz o que a maioria de nós aprendeu que diz. Literalmente, Paulo escreveu isto: “*Pois antes de mais vos ensinei o que também recebi*”. Embora a morte, o sepultamento e a ressurreição de Jesus sejam cruciais e integrantes do Evangelho, não constituem todo o Evangelho. São verdades *entre outras (in protois)* que constituem o Evangelho. Naturalmente perguntamo-nos: quais são as outras coisas de importância primordial no Evangelho? Mais criticamente, devemos perguntar se é possível que o Evangelho que Paulo pregou tenha sido (sem o nosso conhecimento) trocado por “*um evangelho diferente*” (*Gálatas 1:6, 7*), um evangelho esgotado. Neste capítulo mostro que, tal como o cuco que atira os ovos legítimos para fora do ninho para os substituir pelos seus próprios – que se transformam num monstro muito maior do que os donos originais do ninho – o evangelho evangélico moderno é um impostor que tem substituído o Evangelho originalmente pregado por uma caricatura. Veremos que quando o “Cristianismo Ortodoxo” codificou as suas convicções nos seus primeiros credos, “as afirmações sobre o Cristo foram isoladas da informação sobre Jesus de Nazaré. O Credo dos Apóstolos dava a entender que não havia nada digno de nota entre a concepção milagrosa de Jesus e a sua morte na cruz. O credo deixou um espaço em branco onde Jesus deveria ter vindo”. [3] Observaremos mais uma vez como o helenismo reinterpreto o Evangelho de Jesus para servir o programa eclesiástico da Igreja.

Certamente, se quisermos compreender corretamente o Evangelho, um bom lugar para começar seria pelo próprio Senhor Jesus. É justamente chamado o pioneiro, o inaugurador da fé cristã (*Hebreus 12:2*). As Escrituras insistem que a nossa grande salvação “*começando a ser anunciada*

*pele Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram*” (Hebreus 2:3). Jesus foi o primeiro pregador do Evangelho (não Pedro ou Paulo, que mais tarde “confirmaram” a mensagem!), por isso, certamente, definirá o seu Evangelho para nós! E se queremos compreender corretamente Jesus de Nazaré e o seu Evangelho, devemos localizá-lo no mundo judaico da Palestina do primeiro século. Porque tudo o que eu disse e fiz tinha de fazer sentido (mesmo que fosse ou seja perturbador) dentro daquele contexto cultural. Costuma dizer-se que o Cristianismo se baseia numa pessoa: o Cristianismo é “Cristo em ti”; A sua essência é uma “relação pessoal” com o próprio Cristo. Isto é verdade. Mas é apenas uma meia verdade perigosa. Porque se queremos compreender Jesus como pessoa e como missão, devemos perguntar-nos: *em que se fundou a pessoa?* O que é que Jesus viu e sentiu que era tão encantador, tão fascinante, tão desafiante que o deixou fascinado?

“A resposta é que foi fundada numa ideia, uma ideia estranha e comum entre os judeus do seu tempo, uma ideia estranha ao pensamento ocidental que muitos teólogos não judeus ainda consideram muito inconveniente: a ideia do messianismo. Foi o messianismo que fez da vida de Jesus aquilo que ela era e assim deu origem ao cristianismo”. [4] A convicção última sobre a qual assenta todo o edifício do Cristianismo é que em Jesus veio o Messias. Este ensinamento era o Evangelho subjacente a todos os evangelhos, a Boa Nova que o rei de Israel e o seu Reino estavam a ser anunciados. O Cristianismo defende da boca para fora o facto fundamental de que Jesus era este Messias, cujo advento cumpriu todas as antigas profecias, mas singularmente não se concentra em como compreender este Messias e o seu Evangelho e, portanto, como vir a conhecê-lo. O messianismo de Jesus é afirmado e depois rapidamente elidido para o revelar sob uma luz mais alinhada com os conceitos helénicos do que judaicos. [5] Ao divulgar o Evangelho do Reino que Jesus ensinou, não devemos cometer o mesmo erro. Começamos pelo início.

No início do seu ministério somos informados que: “*veio Jesus para a Galiléia, pregando o evangelho do reino de Deus, E dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos, e crede no evangelho*” (Marcos 1:14, 15; também Mateus 4:17-23). Para alguns de nós de origem evangélica “tradicional”, é estranho pensar que Jesus pregou o Evangelho! Cremos que os apóstolos foram os primeiros pregadores do Evangelho depois do Pentecostes. Afinal, que evangelho havia para pregar antes da crucificação, sepultamento e ressurreição? Mas Marcos diz-nos que Jesus veio pregar “o Evangelho de Deus” no início do seu ministério na Galileia. Este foi o seu manifesto de abertura: “*Arrependei-vos e acreditai no Evangelho*”.

Do princípio ao fim, Jesus enfatizou constantemente um tema: o prometido Reino de Deus. Compreender o que Jesus quis dizer com “o Reino de Deus” é a chave para compreender a sua missão, o propósito dado por Deus, a sua *raison d’être*. Compreender o que Jesus quis dizer com Reino de Deus é compreender o verdadeiro Jesus. Perder o que Jesus quis dizer com Reino de Deus é perder Jesus completamente. Porque Jesus definiu o Evangelho como o Evangelho do Reino. Todos os outros quadros de referência na nossa compreensão da sua missão e mensagem surgem desta frase-chave: “o Reino de Deus”. Não devemos ignorar este *locus classicus*. Ignorar a pregação do Evangelho do Reino por parte de Jesus seria divorciar fatalmente Jesus da sua própria mensagem e contexto.

É axiomático que Jesus acreditava que o Deus de Israel, Jeová, era o seu Deus e Pai. Acreditava que era o Ungido de Deus e estava destinado a governar o Reino de Deus que se avizinhava. Que era filho de David e tinha sangue de reis nas veias. “Naquele Messias refere-se àquele que Deus unge, ou delega, para governar o reino de Deus (ver Salmo 2; Marcos 15:32), tudo o que Jesus faz desde o seu batismo está imerso na antecipação profética da vinda do Reino. de Deus.” [6] Ao

anunciar o Evangelho do Reino, Jesus anuncia-se como o Messias designado. Acreditava-se que com ele tinha chegado o momento mais dramático de toda a história. Chegou a hora de as pessoas se prepararem urgentemente para a chegada deste Reino. Para as pessoas comuns daquela cultura isto só poderia significar uma coisa: Israel seria finalmente redimido, resgatado da opressão. *N.T. Wright* observa corretamente:

O “Reino” de Deus não era um estado de espírito ou uma sensação de paz interior. Foi concreto, histórico, real. Os cristãos ocidentais do século XX precisam de se livrar de algumas ideias, agora mesmo. Quando as pessoas largaram as ferramentas por um tempo e subiram a encosta para ouvir Jesus falar, podemos ter a certeza de que não ouviriam alguém dizer-lhes para serem gentis uns com os outros; ou que se se comportassem bem (ou compreendessem o esquema teológico correto) haveria um futuro promissor à sua espera quando chegassem ao “céu”; ou que Deus finalmente decidiu fazer algo para os perdoar pelos seus pecados. Os judeus do século I sabiam que deviam ser bondosos uns com os outros. Na medida em que pensavam na vida após a morte, acreditavam que o seu Deus cuidaria deles e, eventualmente, lhes daria novos corpos físicos no seu mundo renovado. (A frase “Reino dos Céus”, que encontramos no Evangelho de Mateus, *não* significa um lugar no Reino chamado “céu”. É uma forma reverencial de dizer “o Reino de Deus”).

Não há sinal de que os judeus do primeiro século se estivessem a perguntar tristemente como os seus pecados seriam perdoados. Tinham o Templo e o sistema sacrificial, que tratava de tudo isto. Se Jesus tivesse dito apenas o que muitos cristãos ocidentais parecem pensar que disse, teria apenas bocejado. O que ele realmente disse foi tão revolucionário que acordou toda a gente. Foi tão dramático que Jesus parece ter adotado uma política deliberada de permanecer nas aldeias, movendo-se sempre rapidamente, nunca chegando às grandes cidades galileias como Séforis, logo acima da colina de Nazaré, ou Tiberíades, junto ao Mar da Galileia, logo a sul de Magdala. [7]

A Boa Nova – isto é, o Evangelho do Reino – que Israel esperava era que a libertação messiânica estava iminente. Dizer que “o Reino de Deus está próximo” era para este povo uma forma de dizer que César, o seu delegado Pôncio Pilatos e Herodes não deviam controlar o povo de Deus. Ele estava a anunciar que o próprio Deus interviria através dos seus delegados designados, o Messias com os seus santos. “Não há rei senão Deus” era o lema revolucionário da época. Portanto, a palavra “Evangelho” tinha um significado messiânico e político muito claro. Anunciar que o Reino estava “próximo” significava que o Rei de Israel estava aqui e o Reino estava a chegar. A nação de Israel ficou em bicos de pés em antecipação do que se acumulou ao longo de muitas gerações. A cada ano a esperança messiânica fazia-se sentir mais vivamente. De facto, todos os sábados, em todas as sinagogas do mundo judaico da geração de Jesus, faziam a oração: “*Em breve faz florescer a descendência de David, teu servo, e exalta o seu poder com a tua salvação, pois esperamos pela a tua salvação todos o dia inteiro. Bem-aventurado és Tu, Senhor, que fazes florescer o chifre da salvação*” (Bênção 15).

Como refugiado entre as nações do mundo, Israel seria libertado em breve. A palavra profética não podia deixar de se cumprir. A maioria dos israelitas do século I acreditava que era a décima primeira hora. E não era certamente um reino nas nuvens que eles desejavam. Foi o reinado de Deus sobre uma terra aperfeiçoada, num momento definido da história, sob o Senhor Messias.

*Hugh Schonfield* salienta que no ano 35 d.C. César fez uma proclamação pública em todo o império indicando o seu domínio sobre os seus súbditos; para todos os cidadãos do império, este foi o ano do “senhorio” aceitável para César. Mas, pelo contrário, Jesus proclama na sinagoga,

nesse mesmo ano, que, por ser o Messias, é verdadeiramente “o ano aceitável do Senhor”. (Mesmo que discordemos da cronologia de *Schonfield*, o ponto continua a ser culturalmente válido.) O anúncio do Evangelho de Jesus foi uma medida sediciosa:

O messianismo representava a convicção de que a ordem mundial existente seria em breve derrubada. O império governado por César e pelas suas legiões desapareceria, e no seu lugar estaria o Reino de Deus governado pelo Messias e pelo seu povo. O Cristianismo identificou o Messias com Jesus. Houve “outro rei”, outro imperador, para quem a lealdade foi transferida.

[8]

O facto de Jesus ter sido crucificado e sepultado não significava que César estivesse calmo. Ainda em 70 d.C., quando as legiões romanas finalmente romperam as muralhas de Jerusalém, Vespasiano ordenou que toda a família de David fosse caçada e executada para que ninguém permanecesse da linhagem real davídica. Eusébio refere ainda que os imperadores *Domiciano* (96 d.C.) e *Trajano* (120 d.C.) perseguiram impiedosamente os judeus de ascendência davídica. [9]

Assim, para os ouvidos dos judeus, a expressão “o Reino de Deus” tinha uma enorme conotação (nacional). A sua Bíblia Hebraica continha o tema recorrente de que Deus enviaria o Messias como seu agente para provocar o fim do mundo tal como está atualmente e introduzir uma ordem mundial inteiramente nova. O governo daquela época estaria sobre os seus ombros (*Isaías 9:6*). Este Messias seria filho de David. (O título “filho de David” é usado para Jesus pelo menos 14 vezes nos evangelhos e significa que ele afirmava ser o legítimo rei de Israel.) Isso significava que se sentaria no trono de David numa nova Jerusalém. Os inimigos do povo de Deus seriam julgados. A verdade e a justiça cobririam a terra. Todas as nações da terra seriam abençoadas pelo elevado estatuto de Israel. Até a ordem natural seria completamente transformada, a tal ponto que os animais perigosos deixariam de caçar e destruir, e as crianças pequenas poderiam brincar com eles ilesas; o deserto floresceria (*Isaías 11:6-9*). Em síntese, a glória de Deus, através do Messias e do seu povo, cobriria a terra como as águas cobrem o mar:

A missão messiânica de Jesus visava preparar os homens para o futuro Reino de Deus. Jesus aguardava constantemente a vinda do Reino escatológico, quando o juízo final efetuar a separação dos homens, os justos entrariam na vida e nas bênçãos do Reino e os ímpios na condenação do castigo. [10]

Jesus de Nazaré via-se como o agente designado por Deus, o Messias. Ele conhecia o seu destino. Ele era o Filho de Deus que iria cumprir todas estas promessas que Deus tinha dado aos profetas. Como foi referido acima, tendemos a confundir um pouco as coisas chamando-lhe Jesus Cristo. Mas devemos recordar que Cristo não é um nome próprio, mas um título. É mais correto falar não de Jesus Cristo, mas de Jesus, o Cristo. Chamar Jesus Cristo é dar-lhe o título de Messias. Para um judeu, chamar a alguém Cristo, o Messias, era atribuir a essa pessoa um papel político e também teológico. Jesus pertencia a um mundo onde a teologia e a política andavam de mãos dadas. A teologia era a do monoteísmo judaico. Mas não qualquer monoteísmo abstrato sobre a existência de apenas um Deus. Os judeus acreditavam que o seu Deus *YHWH* (*Yahweh/Jeová*) era o único Deus, e que todos os outros “deuses” eram ídolos, quer fossem criações concretas de mãos humanas, quer fossem criações abstratas de mentes humanas. Jesus partilhou esta crença de que o Deus de Israel era o único Deus verdadeiro. Este Deus era o seu Pai. Assim, o monoteísmo judaico andava de mãos dadas com a doutrina da “eleição”. Acreditavam que eram o “povo eleito” deste único Deus verdadeiro, destinado sob o Messias de Deus a entrar no seu Reino quando este chegasse. Esta é e foi a essência do evangelho cristão.

Proclamar Jesus como o Messias do Senhor era o mesmo que proclamá-lo rei. Quando André encontra o seu irmão Simão, anuncia-lhe: “*Achamos o Messias... Rabi, tu és o Filho de Deus; tu és o Rei de Israel*” (João 1:41, 49). Marta confessa: “*creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo*” (João 11:27). O sumo sacerdote questiona Jesus: “*Conjuro-te pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus. Disse-lhe Jesus: Tu o disseste; digo-vos, porém, que vereis em breve o Filho do homem assentado à direita do Poder, e vindo sobre as nuvens do céu*” (Mateus 26:63, 64). Os soldados troçaram de Jesus: “*Salve, Rei dos Judeus. E davam-lhe bofetadas... Responderam-lhe os judeus... Nós temos uma lei e, segundo a nossa lei, deve morrer, porque se fez Filho de Deus*” (João 19:3, 7). Quando Ele estava pendurado na cruz, a zombaria era: “*O Cristo, o Rei de Israel, desça agora da cruz, para que o vejamos e acreditemos*” (Marcos 15:32). Estes textos poderiam ser multiplicados muitas vezes. Todos eles provam que os termos Messias, Filho de Deus, filho do Homem e rei são sinónimos. Este uso está estritamente de acordo com o contexto do AT, especialmente lugares como o Salmo 2, que usa as descrições “*Meu Filho*”, “*Meu Rei*” e “*Messias*” alternadamente para o salvador prometido que está por vir: “*Os reis da terra se levantam e os governos consultam juntamente contra o SENHOR e contra o seu unguido [Messias]... “ungi o meu Rei sobre o meu santo monte de Sião” ... “u és meu Filho, eu hoje te gerei*” (Salmo 2:2, 6, 7). Pode-se observar que no NT os títulos para Jesus já existiam na Bíblia Hebraica:

#### **Messias = o Filho de Deus = o Filho do Homem = o rei de Israel**

É um facto incontestável que, durante os três séculos anteriores a Agostinho, o Reino era visto desta forma. Era um Reino totalmente *escatológico*. (Recorde-se que a palavra *escatológico* vem de uma palavra grega que significa o estudo do fim dos tempos.) O Reino foi visto como a irrupção de Deus através de Cristo no final desta era presente, quando os mortos “em Cristo” seriam ressuscitados. ... à vida de novo, e a Terra voltaria a experimentar as condições do Jardim do Éden. O Messias sentar-se-ia no trono de David e o seu assento seria numa nova Jerusalém. Há uma conversa famosa entre um tipo chamado *Trifão* e *Justino Mártir* que realça o aspeto político do Evangelho. Funciona assim:

*Trifão*: Admite mesmo que este lugar, Jerusalém, será reconstruído? E espera que o seu povo se reúna e se alegre com Cristo e com os patriarcas...?

*Justino*: Eu e muitos outros somos dessa opinião, e acreditamos que isso vai acontecer, como certamente sabe... Além disso, indiquei-lhe que alguns que se dizem cristãos, mas são ímpios, ímpios hereges, ensinam doutrinas que são em todos os sentidos blasfemos, ateus e insensatos... escolho seguir não os homens ou os seus ensinamentos, mas Deus e as doutrinas por Ele ensinadas. verdade da ressurreição... que dizem que não há ressurreição dos mortos, e que as suas almas quando morrem são levadas para o céu, não imaginam que são cristãos... Mas eu e outros que somos cristãos rectos em todos pontos são a certeza de que haverá uma ressurreição dos mortos, e mil anos em Jerusalém, que mais tarde será construída, adornada e ampliada, como declaram os profetas Ezequiel, Isaías e outros... Percebemos também que a expressão “o Dia do Senhor” está relacionada com este tema. E, além disso, estava connosco um homem chamado João, um dos apóstolos de Cristo, o qual profetizou por revelação que lhe foi feita, que os que cressem em nosso Cristo habitariam em Jerusalém mil anos; e que depois se daria a ressurreição geral e eterna de todos os homens. [11]

Os primeiros cristãos acreditavam que o “Evangelho do Reino” se relacionava com este glorioso reinado futuro de Deus na terra, através do seu Messias designado. Os cristãos acreditavam que Deus os tinha destinado a “reinar sobre a terra” com o Messias (*Apocalipse 5:10*). Todos os que se unissem a Jesus em arrependimento e fé seriam a elite da ordem mundial final, com direito às mais altas honras por causa da sua lealdade a ele neste mundo atual. Para os primeiros cristãos, o evangelho da “salvação” relacionava-se com a realidade do futuro prometido por Deus de uma terra renovada. “Ser salvo” significava ser preservado no dia do juízo messiânico e ter o direito de reinar com o Messias no seu reino terrestre (terrestre). Aos crentes gentios eram garantidos os mesmos privilégios que os crentes judeus e herdariam com eles as mesmas promessas originalmente feitas a Abraão e a Israel. Exploraremos este pensamento mais detalhadamente daqui a pouco. Por agora, basta dizer que os apóstolos e a primeira geração de cristãos esperavam firmemente que o Reino de Cristo fosse publicamente estabelecido durante a sua vida. Mas como o seu Senhor atrasou a Sua vinda, e como cada geração sucessiva não viu esta esperança materializada, a esperança do futuro Reino terrestre começou a desvanecer-se. A Igreja trocou a sua esperança futura no Reino de Deus que Jesus pregou no fim dos tempos pela crença de que a *própria* Igreja já era de facto o Reino de Deus na terra. O evangelho de Jesus do Reino escatológico de Deus foi substituído por um evangelho post-apostólico do reino eclesiástico de Deus. Para a corrente principal do cristianismo, a Igreja tornou-se o reino: a partir de Agostinho, tornou-se o dogma oficial da igreja a que o reino já tinha chegado! A salvação já não seria recebida quando Cristo regressasse. A salvação só pode ser encontrada no sacerdócio e nos programas da Igreja. O Reino já não existia; estava “dentro do coração”. A salvação já não estava ligada à redenção de Deus na história futura; era agora uma percepção espiritual interna, mantida sob custódia e administrada exclusivamente pela “Igreja”.

Uma dificuldade óbvia em defender a interpretação dominante de que o Reino é a Igreja e está limitado ao que está dentro (espiritual e pessoal) é que ela elimina os elementos apocalípticos e cósmicos na visão de Jesus do Reino vindouro. A esperança dos apóstolos de ressurreição da sepultura quando Cristo regressar, quando estabelecer o seu Reino através de uma intervenção espetacular, foi substituída pelo evangelho platónico do céu para a alma quando esta morrer. Esta interpretação não apocalíptica e não escatológica do Reino (o Reino é principalmente uma experiência religiosa pessoal da presença do Rei Jesus a governar no coração do indivíduo) omite dois elementos-chave no Evangelho de Jesus. Em primeiro lugar, como vimos, descarta o *contexto histórico hebraico em que Jesus deu todos os seus ensinamentos*. Os teólogos chamam-lhe *Sitz im Leben*, o cenário da vida real de Jesus. “É claro, novamente em *Josefo* e noutros lugares, que a ideia de Deus se tornar Rei não se tratava de algum conjunto interno de ideais, um ‘Reino’ invisível a olho nu, mas estava a transformar silenciosamente as motivações internas das pessoas. “Tratava-se da esperada mudança dramática na sorte de Israel”. [12]

Em segundo lugar, ignora completamente o *elemento apocalíptico* da pregação de Jesus sobre o Reino vindouro. Ignore o clímax cataclísmico e cósmico que porá fim à atual ordem mundial. Houve muitos comentadores que nos quiseram fazer acreditar que quando Jesus pregou o Evangelho do Reino estava simplesmente a dar-nos a casca. A mensagem “real” é o núcleo “espiritual” escondido no interior daquela concha hebraica. Para chegar à verdadeira mensagem de Jesus, temos de abrir aquela cápsula judaica inútil e ultrapassada antes de podermos engolir a vitamina saudável do Evangelho. Esta abordagem relega o anúncio do Reino por Jesus para uma “ética provisória”, relevante apenas naquele momento. Felizmente, alguns estudiosos contemporâneos foram além desta visão “espiritualizante” do Reino. Reconhecem corretamente

que se arrancarmos o Jesus judeu do seu enquadramento histórico, corremos o risco de criar “outro Jesus” e apresentar “*outro evangelho*” (2 Coríntios 11:4). Alguns estudiosos recentes reconhecem felizmente que o Evangelho do Reino de Jesus não pode ser arrancado do seu solo original do primeiro século. Jesus nunca fez do seu Evangelho um assunto puramente interno e privado. Manteve-o alinhado com esta rica herança hebraica. Jesus não se desviou da esperança terrena centrada num descendente de David a governar o mundo a partir de Jerusalém, supervisionando uma sociedade redimida da maldição de todo o mal. Os judeus do primeiro século que conheceram os profetas hebreus compreenderam-no muito bem. O cristianismo apostólico primitivo, fundado no Evangelho do Reino de Jesus, também o compreendeu. Mais tarde, o eclesiastismo, servindo os seus próprios fins, mudou-o convenientemente.

Há uma necessidade crítica de restaurar a fé que foi entregue de uma vez para sempre aos santos (Judas 3). O fracasso em restabelecer a mensagem do Evangelho no seu próprio ambiente hebraico nativo irá garantir a confusão permanente que tem existido desde que a Igreja perdeu a sua crença no Evangelho do Reino tal como Jesus o pregou. O apelo a “aceitar Jesus” como “Senhor e Salvador pessoal” não deve ser separado da crença na sua pregação do Evangelho do Reino. *Jesus fez da compreensão inteligente da sua mensagem do Reino a condição indispensável para a salvação.* Ele disse que “*Ouvindo alguém a palavra do reino, e não a entendendo, vem o maligno, e arrebatada o que foi semeado no seu coração*” (Mateus 13:19). Recusar-se a acreditar nesta mensagem do Reino e arrepender-se é perder as Suas Boas Novas, pois Ele anunciou que não ouvir e ver “o mistério do Reino de Deus” teria a consequência desastrosa de não ser perdoado (ver Marcos 4:11, 12). O arrependimento é, portanto, uma reorientação completa da visão do mundo de alguém. O arrependimento envolve uma compreensão da mensagem de Jesus com um compromisso sincero com o seu ideal do Reino. *Sem acreditar na sua mensagem e sem se comprometer com a sua visão do Reino, não pode haver perdão nem salvação.* “Receber Cristo” é acreditar que, através da sua morte, sepultamento e ressurreição, temos a garantia de entrada na vida da era messiânica vindoura. “Nascer de novo” é “ver o Reino de Deus”, isto é, primeiro compreender o plano do Reino e finalmente entrar na Vida da Era Vinda (João 3:3).

O fundamento do Evangelho de Jesus centra-se no anúncio do Reino messiânico. Um Evangelho sem o Reino é um Evangelho sem o Jesus da Bíblia, pois o Jesus autêntico equipara claramente a salvação à recepção da sua palavra do Reino. É esta mensagem do Reino que transporta a energia vivificante de Deus, a semente, segundo o próprio Jesus (Mateus 13:19; Lucas 8:11). Acreditar na palavra do Reino é receber a sua semente nas nossas almas. Isto é “*nascer segundo o Espírito*”, que é nascer “*pela promessa*” (Gálatas 4:22, 23, 28, 29). Ouvir “*a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação*” é ser “*selado com o Espírito Santo prometido*” (Efésios 1:13). O apóstolo Pedro equipara a salvação a “nascer de novo” através da recepção da “*palavra viva e permanente de Deus*”, que é “*a palavra do evangelho que vos foi pregada*” (1 Pedro 1:23-25). Quando juntamos estes versículos obtemos a equação:

**O Evangelho do Reino = A Palavra de Deus = o espírito da Promessa = Salvação = (o agente do) Novo Nascimento.**

Quando Paulo escreve aos Coríntios que a morte, o sepultamento e a ressurreição de Jesus estão “entre as coisas de primeira importância”, deve-se ter em mente o ponto que está a ser debatido; Alguns cristãos coríntios começavam a questionar e a duvidar da ressurreição. “*como dizem alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos?*” Paulo pergunta (1 Coríntios 15:12). Para responder a esta crise de fé, Paulo recorda aos seus leitores que a morte e a ressurreição de Jesus



são absolutamente fundamentais para o evangelho cristão. *Sem a morte de Jesus, que dá a certeza do perdão, e sem a ressurreição de Jesus do túmulo, não haverá salvação no Reino de Deus que se avizinha.* Se Jesus não ressuscitou, então a esperança de salvação que é a chegada do Reino de Deus à terra é uma esperança perdida. Antes do Calvário e da Páscoa, Jesus e os apóstolos pregaram o Evangelho durante anos sem incluir estes grandes atos redentores. Depois do Domingo de Páscoa, os apóstolos (como veremos em breve) ainda pregavam o Evangelho do futuro Reino, mas puderam então fornecer como informação vital para a garantia desse Reino, os factos da morte e ressurreição de Jesus. Por mais vitais e cruciais que sejam a morte e a ressurreição de Cristo, não são a pedra angular. Estão “*entre as primeiras coisas*” que Paulo pregou (1 Coríntios 15:3). Para Paulo, o clímax do Evangelho é quando o Messias de Deus “*quando tiver entregado o reino a Deus, ao Pai*” (1 Coríntios 15:24). Assim, Paulo está plenamente de acordo com o “Evangelho do Reino” de Jesus, pois existe um laço inquebrável entre a ressurreição dos mortos e a chegada do Reino.

Estamos a dizer que a grande razão pela qual a interpretação “ortodoxa” dominante de que Jesus veio fazer apenas três dias de trabalho não pode ser defendida biblicamente é porque ignora o cenário histórico da vida do ministério de Jesus. Historicamente, Jesus pregou primeiro aos judeus, e não à Igreja; Jesus fundou a sua Igreja com apóstolos e judeus convertidos, embora a sua mensagem tenha sido mais tarde oferecida às nações e, claro, tenha implicações intemporais. Jesus proclamou o seu Evangelho do Reino, de orientação muito hebraica, aos judeus do primeiro século, e mais tarde autorizou o mesmo Evangelho salvador para todos nós. “O facto de o Cristianismo não ter começado como uma nova religião, mas como um movimento de Judeus monoteístas que consideravam Jesus como o seu rei e libertador enviado por Deus, faz uma diferença na nossa compreensão do Cristianismo. “Eis, numa frase, o que é imperativo saber sobre as origens do Cristianismo”, diz *Schonfield*. [13] Para evitar a criação de um Jesus gentio (pagão!), o seu anúncio de que “o Reino de Deus está próximo” deve ser considerado no âmbito do Judaísmo. Jesus não era um “cristão” no nosso sentido moderno. Foi um profeta judeu do primeiro século. Teologia e política, piedade e revolução andavam de mãos dadas”. [14] Quando *Yahweh* se tornar rei, Israel será resgatado do domínio do mal, e o próprio Deus regressará a Sião; o Reino terá chegado. “Tratava-se da história de Israel a atingir o seu clímax, da história de Israel a avançar para o seu momento decisivo”. [15] O apelo de Jesus ao arrependimento e à crença neste anúncio do Evangelho tinha em mente muito mais do que as conotações modernas da salvação individual, mais do que “acredita em Jesus e quando morreres viverás para sempre no céu”. Jesus estava a convidar os seus ouvintes a aproveitar o momento e a assumir o papel que lhes cabe no drama que Deus estava a desenrolar. Se aceitassem Jesus como seu prometido Senhor Messiânico e o seguissem no seu novo caminho, então seriam o verdadeiro Israel, o verdadeiro povo de Deus, quando chegasse o dia do Reino de Deus.

### **Foi desprezado e rejeitado por todos**

Devemos recordar que a Palestina no tempo de Cristo não era uma terra de contos de fadas. Conto de fadas era um mundo real com pessoas reais. Quando Jesus nasceu, a Palestina era governada por um rei inseguro e egoísta chamado Herodes, o Grande (37-34 a.C.). O seu reinado coincidiu com o de outras figuras seculares, como *Júlio César, Cleópatra, Marco António e Augusto*. O historiador judeu contemporâneo *Josefo* descreve *Herodes* como um megalómano que passou todo o seu reinado a ouvir os seus espiões falarem de conspirações em todo o mundo. Chegou mesmo a assassinar a esposa que amava por suspeitas de uma conspiração

para o destronar. destroná-lo. Quando soube que estava a morrer, Herodes organizou o assassinato de muitos cidadãos proeminentes, para que em vez de celebrações pela sua morte houvesse verdadeiro luto em toda a Palestina. Herodes nem sequer podia afirmar ser judeu de nascimento. Era natural da Iduméia, a região desértica não-judaica a sul da Palestina. A fim de ganhar legitimidade para o seu reinado, Herodes divorciou-se da sua primeira mulher e casou com uma judia conhecida. Tentou cair nas boas graças dos judeus reconstruindo o Templo de Jerusalém. Tais medidas não conseguiram conquistar o afeto dos judeus. Afeição judaica. Permaneceu sempre difamado e desconfiado. Na verdade, a nação judaica considerava Herodes um sinal do descontentamento de Deus pelos seus pecados nacionais. Para muitos judeus, Herodes foi um sinal de que Deus tinha abandonado o seu povo. Isto aumentou o seu desejo por um rei que restaurasse Israel à sua posição privilegiada. Este líder espiritual, quando aparecesse, seria o Messias Davídico, e ele seria o seu legítimo rei. Sancionado por Deus, ungido por Deus, este homem expulsaria os malditos gentios da Terra Prometida e introduziria um regime glorioso na tradição de David.

Herodes, claro, é famoso pelo seu Massacre dos Inocentes, conforme registado em *Mateus 2*. Assim que ouviu o rumor de que o que poderia ser o tão esperado Messias judeu estava prestes a nascer, Herodes ficou profundamente perturbado. Perguntou aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas onde iria nascer esse Cristo. O facto de Herodes se ter sentido ameaçado pelo menino Jesus deveu-se à poderosa expectativa pública da chegada de um governante messiânico legítimo. Os romanos tinham uma política de nomear homens locais para atuarem como reis em nome de César. Herodes terá raciocinado que, com um legítimo pretendente judeu ao trono de Israel, Roma poderia reconhecer a linhagem real do menino Jesus. Não era o filho de judeus pobres que este usurpador temia, mas alguém que, em virtude da sua inerente e régia qualificação genealógica, pudesse (quando crescesse) reunir o apoio popular. Herodes queimou também os registos das famílias judias, incluindo as descendentes de Rute e, portanto, de David, para não se sentir envergonhado pelas referências às suas próprias origens. Presumivelmente, Herodes estava mais interessado em genealogias que pudessem desafiar a sua própria posição como rei. O nosso objetivo é simplesmente sublinhar o ambiente nacional muito real em que Jesus chegou. A alcunha “Messias” estava carregada de pólvora política. Quando Jesus pregou que o Reino de Deus estava próximo, foi o tipo de discurso que significou que a intervenção de Deus estava próxima. o que significava que a intervenção de Deus estava próxima. Era equivalente a anunciar a sua realeza sancionada pelos céus.

O legado romano da época, Pôncio Pilatos, era implacavelmente leal a Roma. Provavelmente chegou a Cesareia durante a primavera de 26 d.C. *Josefo*, o historiador judeu que nasceu poucos anos depois da morte de Jesus, conta-nos que Pilatos, o procurador da Judeia:

Transferiu o exército de Cesareia para Jerusalém, para aí instalar quartéis de inverno, a fim de abolir as leis judaicas. Então trouxe as imagens de César, que estavam nos estandartes, e trouxe-as para a cidade... Pilatos foi o primeiro a levar estas imagens para Jerusalém e aí as colocou; o que foi feito sem o conhecimento do povo, porque já era noite. [16]

*Eusébio* diz-nos que a agenda de Pilatos era executar as políticas do seu mentor *Sejano*. Isto era para alcançar “a destruição de toda a raça judaica”. [17] O estabelecimento dos padrões militares ofensivos de Roma foi uma parte deliberada da campanha de Pilatos “para abolir as leis judaicas”. Estes estandartes mostravam retratos de César e de águias romanas, imagens esculpidas altamente provocatórias para os judeus. Talvez ainda pior, a Décima Legião de Pilatos ostentava a sua própria insígnia de um touro e de um javali. Para os judeus, o porco era um animal impuro, cuja carne

estavam proibidos de comer ou mesmo de tocar. *Josefo* não nos diz onde foram colocadas estas efígies, mas os historiadores conjecturam que deve ter sido na Fortaleza Antónia, que dava para os pátios do Templo. Ao amanhecer, a cidade estava em alvoroço.

Uma delegação judaica protestou junto do tribuno romano, mas Pilatos recusou-se a retirar as bandeiras “porque isso tenderia a prejudicar César”. Durante cinco dias a pressão continuou. Pilatos não cedeu. *Josefo* continua a história:

No sexto dia ordenou aos seus soldados que tomassem as armas secretamente, enquanto ele vinha e se sentava no seu pátio, que estava preparado num local aberto da cidade, que escondia o exército que estava pronto para os oprimir. e quando os judeus lhe perguntaram de novo, fez um sinal aos soldados que os rodeavam e ameaçou que o seu castigo não seria outro senão a morte imediata, a não ser que deixassem de o incomodar e regressassem às suas casas. Mas atiraram-se para o chão, descobriram o pescoço e disseram que morreriam de bom grado antes que a sabedoria das suas leis fosse transgredida.

Foi um momento tenso, com milhares de judeus prontos a terem a garganta cortada pela sua fê, e mil soldados romanos prontos com espadas desembainhadas, à espera do sinal de Pilatos. *Josefo* diz que Pilatos foi profundamente afetado “pela sua firme resolução de manter as suas leis invioláveis”. Talvez as repercussões de um massacre em tão grande escala preocupassem Pilatos, mas de qualquer modo ele retirou as efígies romanas de Jerusalém. Alguns comentadores sugerem que esta Acção teve um impacto imediato em Israel. O profeta Daniel tinha alertado para “a abominação da desolação”, quando um governante brutal desencadeou a sua fúria sobre a Santa Aliança: “*E braços serão colocados sobre ele, que profanarão o santuário e a fortaleza, e tirarão o sacrifício contínuo, estabelecendo abominação desoladora*” (*Daniel 11:31*).

Embora Jesus mais tarde coloque esta “*abominação da desolação*” como ainda futura e próxima do fim dos tempos (ver *Mateus 24:15, 16*), é fácil perceber como a ação de Pilatos naquele dia teria causado agitação. Tinham acabado de testemunhar uma abominação. Foi um prenúncio do Reino vindouro. O fim dos tempos tinha certamente chegado. Se a profanação de Jerusalém por Pilatos fosse um cumprimento da profecia de Daniel, então o Messias estabeleceria em breve o Reino de Deus. Foi nesta altura que João Batista emergiu do deserto, convocando a nação a “*Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus*” e “*Preparai o caminho do Senhor*” (*Mateus 3:1-3*). Correndo o risco de repetição, entendamos que no primeiro século não se falava de um “conto chinês”. O Reino não seria estabelecido nas nuvens. Foi um governo do Reino de Deus através do Seu Messias na Judeia, com o controlo final sobre o mundo.

Mas se o anúncio do Reino de Deus feito por Jesus foi o equivalente a colocar dinamites políticas em torno da Palestina, desafiando Herodes e César, foi também o equivalente a colocar gelignite religiosa entre os seus próprios compatriotas. Onde quer que fosse, Jesus virava de pernas para o ar as convenções religiosas aceites. Como poderia Israel entrar no prometido Reino de Deus quando eles próprios eram uma sociedade cheia de injustiças sociais e económicas? Como puderam estas pessoas entrar no Reino com um sacerdócio do Templo tão opressivo e corrupto? Como puderam aqueles revolucionários que acreditavam que o Reino só viria através de meios violentos entrar naquela nova sociedade baseada no amor, no serviço e na igualdade? O povo de Deus deve primeiro arrepender-se. Deve tornar-se digno deste chamado elevado. Isto é, devem abdicar dos seus próprios planos e comprometer-se com o caminho de Jesus. “Isto não quer dizer que Jesus não tenha dado a este desafio aquilo a que chamaríamos uma dimensão religiosa e espiritual. É insistir que não podemos usar isto para descartar o desafio prático e político que as

palavras transmitiriam”. [18] Não aceitar a agenda evangélica de Jesus também os desqualificaria. Jesus chamou a estes judeus cegos e hipócritas “filhos do diabo” (João 8:44). Isto caiu como um balão de chumbo. Que escândalo. Que atrevimento chamar malditos aos filhos de Abraão! Eles pensavam que estavam a ser leais a Jeová. Mas, em vez da luz do mundo, Jesus chamou-lhe trevas. Eles não iriam entrar no Reino a não ser que se arrependessem e tomassem a sua cruz. Nem estavam preparados para aceitar o arriscado plano de Jesus de dar a outra face, percorrer a segunda milha, perder a vida no serviço amoroso, perdoar as dívidas e os pecados dos seus opressores e orar pelos seus inimigos. O Reino de Jesus estaria cheio de pessoas mansas, bondosas e gentis, pobres de espírito. Como *N.T. Wright* afirma corretamente no Sermão da Montanha:

não é simplesmente um grande novo código moral. É sobretudo o desafio do Reino: o apelo a Israel para ser verdadeiramente Israel no momento crítico da sua história, no momento em que, no anúncio do Reino de Jesus, o Deus vivo trabalha para reconstituir o seu povo e assim cumprir o seu mandato. intenções há muito acarinhadas para eles e para o mundo inteiro. [19]

Mas descobriu-se que a agenda de Jesus era demasiado arriscada, demasiado radical. O seu próprio povo “*não o recebeu*” (João 1:11).

### **A Purificação do Templo Anuncia a Messianidade de Jesus**

O choque de Jesus com os símbolos seculares e sagrados estabelecidos da época atingiu o seu clímax na semana anterior à sua crucificação. O momento do destino de Israel tinha chegado. “Israel, o povo histórico do único Deus criador, nadava na corrente da história mesmo acima de uma cascata estrondosa. Se não tivesse cuidado, seria arrastada e cairia no seu destino”. [20] A nação aceitaria as suas credenciais e agenda messiânicas ou desperdiçaria o seu tempo? A nação estava profundamente dividida. Os fariseus eram duros e críticos com os seus irmãos judeus. Os essênios consideravam todos os outros judeus (incluindo os fariseus) dignos apenas dos anátemas de Deus. O sacerdócio do Templo era corrupto e opressivo. Jesus afirmou ser o caminho para cumprir todas as esperanças do Reino prometido a Israel de que Deus o vindicaria a ele e àqueles que confiaram na sua palavra. Afirmou cumprir a Lei e tudo o que os profetas tinham dito. Afirmou ser o Senhor do sábado. Afirmou ter autoridade para perdoar pecados, mas foi acusado de blasfemar, porque “*Quem pode perdoar pecados, senão Deus?*” (Marcos 2:7).

Mas estas várias escaramuças com os seus compatriotas atingiram o seu clímax quando Jesus entrou no recinto do templo, no final do seu ministério. O Templo tinha um enorme significado real. Na verdade, o templo e a realeza andavam de mãos dadas. David planeou o primeiro Templo. Salomão construiu-o. Dois grandes homens de Deus, Ezequias e Josias, restauraram-na. Os Macabeus purificaram o Templo. Herodes, tendo recebido o seu reinado de Roma, estava ansioso por melhorá-lo, reconstruindo-o. O Templo era o símbolo do lugar especial de Israel no plano de Deus para o mundo. (Mesmo muitos anos depois de Tito ter arrasado o Templo, o último grande pretendente messiânico, *Bar Kochba*, cunhou moedas representando a fachada do Templo, que, sem dúvida, planeava reconstruir.) Assim, quando Jesus entrou no recinto deste símbolo nacional e eles viraram a mesa e anunciaram: “Tirem essas coisas embora. Não faça da casa de meu Pai um covil de ladrões! Ele estava a representar uma parábola de julgamento. Calçou as sandálias reformadoras de Jeremias diante daquele que tinha insultado Israel:

Assim diz o SENHOR dos Exércitos, o Deus de Israel:

*“Assim diz o SENHOR dos Exércitos, o Deus de Israel: Melhorai os vossos caminhos e as vossas obras, e vos farei habitar neste lugar... Mas, se deveras melhorardes os vossos caminhos e as vossas obras; se deveras praticardes o juízo entre um homem e o seu próximo; Se não oprimirdes o estrangeiro, e o órfão, e a viúva, nem derramardes sangue inocente neste lugar, nem andardes após outros deuses para vosso próprio mal, Eu vos farei habitar neste lugar, na terra que dei a vossos pais, desde os tempos antigos e para sempre. “Eis que vós confiais em palavras falsas, que para nada vos aproveitam Porventura furtareis, e matareis, e adulterareis, e jurareis falsamente, e queimareis incenso a Baal, e andareis após outros deuses que não conhecestes...” (Jeremias 7:3-9). [21]*

O juízo de Jesus sobre o Templo foi também uma clara referência à descrição que Zacarias fazia da era messiânica, quando *“E acontecerá que, todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém, subirão de ano em ano para adorar o Rei, o SENHOR dos Exércitos, e para celebrarem a festa dos tabernáculos... E naquele dia não haverá mais cananeu na casa do SENHOR dos Exércitos” (Zacarias 14:16, 21).*

Eis talvez uma das indicações mais claras do que motivou a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém e o seu ataque ao sistema corrupto do Templo. A profecia de Zacarias é uma previsão sobre o Reino Messiânico. Jesus está agora a demonstrar a realidade de que o velho está a ser eliminado. Esta não é apenas uma explosão de raiva justificada. O Reino está a ser anunciado numa parábola retratada. É um anúncio de autoridade: *“Com que autoridade fazes isto? e quem te deu tal autoridade?”* (ver Mateus 21:23; Marcos 11:27, 28; Lucas 20:1, 2; João 2:18). Na entrada triunfal e purificação do Templo, é difícil imaginar qualquer outra ação tão calculada para Jesus anunciar tão abertamente a sua Messianidade.

A mensagem era que agora, na hora suprema de Israel, e através de si mesmo como o Ungido de Deus, o Deus de Israel estava a mostrar a sua irada rejeição de todo o sistema corrupto. Esta era a casa do seu Pai, o lugar onde Israel e todas as nações deviam poder ver a luz do único Deus verdadeiro. Mas transformaram-no em “um covil de ladrões”. Já conhecemos esta palavra para “ladrões” (*lestai*) e vimos que é regularmente utilizada para denotar bandidos e rebeldes, bem como vigaristas. O Templo tornou-se o ponto focal dos nacionalistas nos seus planos de rebelião contra Roma, bem como dos ricos e poderosos na sua opressão do resto da nação. Para Jesus, o sistema distorcido do Templo era um símbolo que agora estava terrivelmente errado. A sua ação nesta parábola simbólica de julgamento foi o mesmo que dizer que o Templo seria substituído de uma vez por todas. Jesus desafiou: *“Derribai este templo, e em três dias o levantarei” (João 2:19).* Ou seja, a comunidade messiânica estaria agora centrada no próprio Jesus. Isso foi demais. As aspirações de Jesus ao Reino eram demasiado controversas e conflituosas para a nação. Estes foram considerados pelo “sistema” como atos subversivos. “Seria como anunciar num país muçulmano que a vontade de Alá está a ser cumprida, ao mesmo tempo que aparentemente difama Maomé e queima uma cópia do Corão”. [22]

As curas de Jesus foram também muito simbólicas. São muitas vezes chamados de “sinais” e, por isso, apontam para o facto de que o Reino de Deus estava a chegar através da sua própria obra. (A cura e a restauração estão frequentemente ligadas na Bíblia Hebraica, por exemplo, em *Isaías 35*) Jesus tinha de ir. O seu anúncio evangélico do Reino de Deus não só confrontou os sistemas corruptos e opressivos do mundo de César, como foi uma faca de dois gumes que cortou o coração corrupto do Judaísmo. No final do seu ministério terreno, o veredicto oficial de Israel foi que a afirmação de Jesus de ser o seu Messias tinha sido rejeitada. Não queriam que ele reinasse sobre eles como seu rei. *“Crucifique-o! Crucifica-o!”* foi a sua sentença.

No entanto, estando sob a jurisprudência da lei romana, o Sinédrio necessitava ainda da autorização de Pilatos antes de poder executar Jesus. Não há dúvida de que Jesus foi crucificado pelos romanos porque foi reconhecido como um revolucionário político. Na verdade, durante a maior parte do seu ministério, Jesus silenciou esta expectativa. Numa ocasião, as multidões quiseram coroar Jesus à força como seu Rei Messias, mas ele “*tornou a retirar-se, ele só, para o monte*” (João 6:15). Ele disse àqueles que curou vezes sem conta: “*Olha, não o digas a alguém*” (Mateus 8:4). Ordenou que os possuídos pelo demónio “*ficassem em silêncio*” quando anunciassem a sua verdadeira identidade (Marcos 1:25). Chegou mesmo a “*dar ordens*” aos seus próprios discípulos: “*ordenou-lhes que a ninguém contassem o que tinham visto, até que o Filho do homem ressuscitasse dentre os mortos*” (Marcos 9:9). Jesus sabia quão politicamente explosivo era chamar-lhe abertamente Messias. A Palestina era um barril de pólvora à espera do Rei Ungido de Deus. Mas, no final, quando entrou em Jerusalém da forma mais aberta possível, com a multidão a cantar o cântico *Halel* do Salmo 118, “*Hossana [Salva-nos!] Bendito aquele que vem em nome do Senhor*”, a morte foi descaradamente lançada. Jesus aceitou a tão esperada honra de ser o Rei de Israel. Quando os fariseus se sentiram ofendidos e pediram a Jesus que silenciasses os seus admiradores, Jesus respondeu: “*Digo-vos que, se estes se calarem, as próprias pedras clamarão*” (Lucas 19:40). Jesus aceitou corajosamente a aclamação pública de que era de facto o seu líder legítimo. O problema é que este ato fez dele, simultaneamente, um traidor contra César. Isto é afirmado por Tácito, o cronista romano, e:

Constitui a única afirmação certa sobre Jesus que surge de uma fonte não bíblica, mas contemporânea. Não há dúvida de que os romanos viam Jesus como uma figura militar e política e tratavam-no estritamente de acordo com essa percepção. A crucificação era uma pena reservada às transgressões contra a lei romana, e *Roma não se teria dado ao trabalho de crucificar um homem que pregasse uma mensagem puramente espiritual ou uma mensagem de paz.* [23]

Portanto, se o verdadeiro Jesus for interpretado adequadamente, como *N.T. Wright* diz e afirma que deve estar enraizado no Judaísmo do primeiro século com o seu anseio escatológico, a vontade de ver num novo movimento a possibilidade de que esta possa ser a grande hora final e decisiva de Deus com Israel e o mundo. “Jesus pertence ao mundo das escatologias rivais do primeiro século, não ao mundo dos ‘padrões de religião’ do século XX”. [24] Nenhum outro cenário faz justiça ao seu contexto ou posição dentro do mesmo. Ao seguir este esboço histórico, *Wright* diz:

Descubro um Jesus que não foi simplesmente um exemplo, nem sequer o exemplo supremo, de uma pessoa mística ou espiritual, como se poderia encontrar, em princípio, noutras culturas. Encontro, antes... um profeta do primeiro século a anunciar e a inaugurar o reino de Deus, chamando outros a juntarem-se a ele, alertando para as consequências caso não o fizessem, fazendo tudo isto em ações simbólicas... e em ditos enigmáticos, *que acreditava que era o Messias de Israel, aquele através de quem o verdadeiro Deus cumpriria o seu propósito decisivo.* [25]

Por outras palavras, Jesus não abandonou a verdadeira e profética esperança de Israel. Veio reconstituir Israel sob o seu próprio messianismo. Assim, era um judeu de carne e osso do primeiro século, completamente credível, cuja mensagem do Reino mereceu a ira do grupo de poder religioso do seu próprio país e, pelo veredicto de Pilatos, a ira de Roma.

É claro que Pilatos sentiu uma grande simpatia por Jesus e preferiu libertá-lo. Pilatos anunciou: “*nenhuma culpa, das de que o acusais, acho neste homem*” (Lucas 23:14). Mas os judeus, liderados por Caifás, uivaram pela morte de Jesus: “Se libertares este, não és amigo de César. “*qualquer que*

*se faz rei é contra César” (João 19:12). Sherwin-White, especialista em direito romano, vê aqui um pormenor técnico convincente. O termo “amigo de César” (Caesaris amicus) “recorda a frequente manipulação da lei da traição para fins políticos na vida pública romana” e é um termo político notável. Caifás venceu.*

Mas note-se que ele venceu, não por razões espúrias de blasfémia supostamente introduzidas numa mudança de estratégia de última hora (João 19:7); Pilatos podia libertar um blasfemo e ainda assim ser amigo de César. “Caifás venceu com base no messianismo, que foi revelado neste julgamento... como uma questão política – uma questão que é suficientemente poderosa para ameaçar até o presidente da Câmara da Judeia”. [26]

Embora tenha sido objeto de acesos debates, as provas parecem sugerir que os judeus podiam apedrejar homens e mulheres até à morte por crimes contra a lei religiosa. [27] Os adúlteros podiam ser apedrejados até à morte (João 8:7-11). Na verdade, o primeiro mártir cristão, Estêvão, foi apedrejado até à morte (Atos 6:8-8:1). Josefo conta-nos que Tiago, irmão de Jesus, foi apedrejado até à morte pelo Sinédrio. [28] Estas ações foram obviamente permitidas por Roma. Mas quando se trata da execução de Jesus, Caifás e os sacerdotes procuram a crucificação por traição política: “*Havemos achado este pervertendo a nação, proibindo dar o tributo a César, e dizendo que ele mesmo é Cristo, o rei*” (Lucas 23:2). Consequentemente, Pilatos pergunta a Jesus: “*Tu és o rei dos judeus?*” Tal como Ian Jones contemporâneo, “a pergunta de Pilatos a Jesus é como um governador militar alemão da Segunda Guerra Mundial a perguntar a um cidadão de um país ocupado: ‘*És o líder da Resistência?*’” [29] “Sim... Jesus era um rei legítimo, então um [Pilatos] certamente afirmaria sua própria autoridade humilhando-o”. [30]

Os evangelhos são unânimes. Jesus foi acusado de um crime contra Roma. É verdade que o Sinédrio judaico queria Jesus fora do caminho por causa do seu desafio ao seu Templo. Então disseram a Pilatos que Jesus era um rei rebelde. Disseram ao povo que Jesus era um falso mestre, que ao afirmar ser o Messias era um blasfemador que os desencaminhava. Assim, Jesus foi levado à morte da forma mais brutal e sádica possível. A sua crucificação “proclamou, dentro deste universo simbólico, que César era o senhor do mundo e que os deuses das nações, incluindo Israel, eram impotentes perante ele”. [31] Nesse dia, Roma, e só Roma, foi autorizada a construir o reino e a governar os seus mini reinos. Naquela época não havia separação entre a Igreja e o Estado, e não havia forma de separar a religião e a política na construção do reino no primeiro século. De facto, do ponto de vista de César, por que razão alguém quereria opor-se à *Pax Romana*, à nova ordem mundial de reforma política e rearmamento espiritual, às suas estradas livres de bandidos e rotas marítimas sem piratas, às suas cidades unidas por uma cultura comum e prosperidade económica, e às suas legiões que guardavam as fronteiras atrás das quais os bárbaros rondavam?

Este facto histórico é muitas vezes perdido de vista nas discussões sobre a execução de Jesus. Jesus não morreu porque pregou “*o reino de Deus está entre vós*” (Lucas 17:21), ou seja, a paz de Deus governa nos vossos corações como uma realidade espiritual. Esta mensagem não era ofensiva naquela época e ainda não o é hoje. Muitas pessoas hoje em dia falam facilmente da sua “viagem espiritual” e da sua vida de “fé em Deus”. Ninguém pestaneja. Mas que um verdadeiro crente no Messias judeu anuncie que Cristo ainda governará os governos e as nações deste mundo a partir de Jerusalém, e que todos os poderes e autoridades se curvarão diante dele e verão o tipo de reação que ele inevitavelmente engendra! Proclame o anúncio exclusivo do Evangelho de que só aqueles que amam este tipo de Senhor Jesus Messias serão co-governantes com ele, partilhando as posições executivas deste governo e, inversamente, que aqueles que não trabalham e anseiam por este tipo

de novo governo mundial serão “maldito” e veja que tipo de resposta é evocada! Paulo diz: “*Se alguém não ama ao Senhor Jesus Cristo, seja anátema [literalmente anátema]. Maranata [que significa: Ó nosso Senhor, vem!]*” (1 Coríntios 16:22). Os que não vivem para o Reino vindouro deste Senhor Cristo estão excluídos! Para colocar isto num contexto moderno, deixe um cristão dizer a um muçulmano: “O vosso profeta Maomé curvar-se-á diante do Rei Jesus e confessará que só ele é soberano” e verá a resposta hostil. A mensagem do Reino de Deus pregada por Jesus não perdeu nenhum dos seus estigmas. “Uma teocracia judaico-cristã não é aquilo que o mundo espera ou deseja”. [32] Eis um bom teste decisivo para saber qual o evangelho que é o verdadeiro Evangelho: aquele que a Igreja moderna prega hoje sobre “o Reino de Deus dentro de ti”, e “quando morreres irás para o céu” ou aquele que anuncia “*Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre*”. (Apocalipse 11:15).

A pregação apostólica que anunciou a vindicação de Jesus por Deus através da ressurreição deve também ser entendida nesta perspectiva. O perdão foi pregado não apenas nos termos atuais de culpa pessoal afastada com alívio de uma consciência culpada. Bastante:

Foi a dedução cristã primitiva, a partir da ressurreição de Jesus, que, afinal, a sua morte tinha sido eficaz, *como uma dobradiça sobre a qual a porta para o novo mundo de Deus tinha sido aberta. Dizer que o Messias morreu pelos pecados em cumprimento das Escrituras era fazer uma declaração, não tanto sobre uma teologia abstrata da expiação à qual os indivíduos podiam recorrer para salvar as suas consciências culpadas, mas sobre a situação atual de Israel e do mundo. Deus. calendário escatológico.* [33]

O Cristianismo primitivo continuou o ministério messiânico de Jesus depois da Páscoa. Ou seja, a mensagem da Igreja primitiva era continuar o anúncio de Jesus do Evangelho do Reino. Esta mensagem ainda ofendeu os senhores existentes no mundo, especialmente César. Os primeiros cristãos, após a ressurreição de Jesus, reconstruíram as suas agendas e objetivos com base na compreensão de que as promessas de Deus não tinham falhado e que, quando a corda puxou a cortina que revelava o futuro Reino de Deus, tiveram uma visão pela qual valia a pena morrer. Deus ressuscitou esse mesmo Jesus e justificou as suas reivindicações messiânicas. Portanto, a mensagem do Reino de Jesus não estava morta nem enterrada. Na verdade, o rei regressaria do céu para completar a agenda do seu Pai.

Num capítulo anterior notámos que o imperador *Constantino*, três séculos depois de Jesus, se via como o salvador e unificador do Império Romano. Esforçou-se por combinar no seu reinado os ideais messiânicos de governo militar e espiritual. Ao alinhar com *Constantino*, a Igreja comprometeu a sua independência e vendeu a sua alma ao secularismo, negando assim o Cristo em que acreditava. O Jesus da história foi realmente sepultado. A Igreja já não proclamava a vinda apocalíptica do Reino de Cristo como evangelho e corrompeu a mensagem sobre o Reino vindouro que Jesus e os apóstolos pregaram com uma nova mensagem do “evangelho”: “O reino chegou. Esse reino é a Igreja”. Todos os vestígios do cristianismo messiânico foram transformados e, para todos os efeitos, apagados:

Para se espalhar por todo o mundo romanizado, o Cristianismo transmutou-se e – no processo, reescreveu as circunstâncias históricas das quais emergiu. Não seria bom divinizar um rebelde contra Roma. Não seria bom exaltar uma figura executada pelos romanos por crimes contra o Império. Como resultado, a responsabilidade pela morte de Jesus foi transferida para os judeus – não apenas para o grupo de poder saduceu, que sem dúvida teve algo a ver com isso, mas para o povo da Terra Santa em geral, que estava entre os mais fervorosos. *E o próprio Jesus teve de ser divorciado do seu contexto histórico, transformado numa figura apolítica – um*



*Messias espiritual sobrenatural que não representava qualquer desafio a César. Assim, todos os vestígios da atividade política de Jesus foram minimizados, diluídos ou eliminados. E, na medida do possível, todos os vestígios do seu judaísmo foram deliberadamente obscurecidos, ignorados ou tornados irrelevantes. [34]*

A Igreja Romana da Idade Média era ferozmente antissemita. Odiavam os “assassinos de Cristo” e procuravam destruir tudo o que era judeu. Basta recordar a pressão que foi exercida sobre *Mel Gibson* para editar (remover!) certas cenas que foram consideradas ofensivas pelos judeus no seu filme de sucesso “A Paixão de Cristo” para compreender os profundos sentimentos residuais que esta questão ainda suscita. Os judeus sofreram terrivelmente com as opiniões antissemitas promovidas pela Igreja pós-*Constantino*. A Igreja passou a ser apresentada como uma organização gentílica que supostamente não estava prevista no AT. A Era da Igreja foi o “mistério” que está agora a vir à luz. Contudo, o NT não diz aos judeus que eles devem tornar-se cristãos gentios para serem salvos. Em vez disso, os gentios são instruídos para se tornarem crentes no Messias (judeu). Somos nós, gentios, que já fomos “*separados da comunidade de Israel, e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo*” (*Efésios 2:12*). São os crentes gentios que estão incluídos ou “enxertados” nas bênçãos de Israel. É um Messias judeu a quem amamos e servimos. Mas a Igreja ensinou que se um judeu quiser tornar-se cristão, deve abandonar a sua herança profética hebraica. Isso está errado.

Naturalmente, argumentar-se-á que a agenda política de Jesus (política no sentido de proclamar um evangelho que prometia o reino literal de Deus através do Messias numa terra renovada sobre as nações) foi mal interpretada pelos seus contemporâneos. Afinal, não disse a Pilatos durante o julgamento: “*O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui*” (*João 18:36*). Examinaremos em breve o argumento que rejeita a natureza política da mensagem do Reino de Jesus. Por agora bastará observar que a única coisa que Jesus negou aqui foi que o tempo da sua coroação tinha chegado. Jesus não negou que era o Rei dos Judeus. Não negou o direito que Deus lhe deu ao trono de David e de herdar todas as promessas que Deus tinha decretado relacionadas com o controlo governamental do mundo (futuro). Tudo o que Jesus disse a Pilatos foi que o seu reino não pertencia a este sistema atual, não emergiu da atual ordem perversa dominada por valores satânicos. Qualquer pessoa que duvide que Jesus estava a aguardar a chegada do seu governo, precisa apenas de ver como as suas declarações nesse sentido inflamaram tanto os seus jurados. Sob juramento, Jesus disse ao sumo sacerdote: “*vereis em breve o Filho do homem assentado à direita do Poder, e vindo sobre as nuvens do céu*” (*Mateus 26:64*). Indignado, o sumo sacerdote rasgou o seu manto e disse indignado: “*Blasfemou!*”

### O Mistério do Reino

O que foi que ofendeu tanto os judeus e os levou a rejeitar a pretensão de Jesus de ser o seu Rei e o cumprimento de todas as promessas de Deus? A blasfémia não foi Jesus afirmar ser Deus Todo-Poderoso em carne humana. Esta é uma acusação incongruente e não faz sentido no contexto histórico e bíblico da época. Esta ideia é uma invenção posterior, importada e estrangeira. Como *Schonfield* afirma, com razão:

Ao admitir que era o Messias, o rei legítimo e preordenado de Israel, Jesus cometeu “blasfémia”, não contra Deus na lei judaica, mas contra Tiberíades César na lei romana. Sustentavam que ele era culpado de *laesa maiestas*, violação da soberania do imperador, e por isso era apropriado que as autoridades escandalizadas, não como judeus, mas como súbditos

romanos, atuassem como informadores e denunciasses Jesus ao representante de César. Porque um tribunal judaico chegou a este veredicto, não devemos imaginar, como a Igreja teve mais tarde o cuidado de estabelecer, que Jesus tivesse declarado a sua Divindade e, conseqüentemente, do ponto de vista da Lei Mosaica, tivesse blasfemado o nome do Senhor. Neste caso a pena teria sido o apedrejamento e não a crucificação. Jesus nem sequer pronunciou o sagrado Nome de Deus e referiu-se a Si mesmo como o Filho do Homem. Os primeiros ensinamentos nazarenos nada sabiam sobre o Trinitarianismo. O Concílio não tinha razão nem interesse em condenar Jesus por razões religiosas, uma vez que o seu único objetivo era ficar bem com Roma e ao mesmo tempo desviar o ódio do povo judeu pelo que estavam a fazer contra Pôncio Pilatos. [35]

Sim. O escândalo foi que Jesus afirmou ser o ungido de Deus, o Messias, o legítimo herdeiro do trono de Israel de David. Mas Jesus não se enquadrava no modelo de herói divino que os judeus esperavam. Nem os malfeitores foram derrotados. Tudo parecia continuar como sempre. Era a imagem de um Messias que viria (imediatamente, nos seus próprios dias) assumir *“E foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino tal, que não será destruído”* (Daniel 7:14). Até os discípulos se sentiram ofendidos porque o Messias foi ignominiosamente assassinado (Mateus 16:21-23). Um Messias sofredor não tinha lugar nos planos dos discípulos nem na avaliação da nação de Israel. O Reino que Jesus anunciou não era como eles esperavam. George Ladd sugere que a resposta ao escândalo de Jesus reside no conceito deste “mistério”. Jesus disse aos seus discípulos: *“E ele disse-lhes: A vós vos é dado saber os mistérios do reino de Deus, mas aos que estão de fora todas estas coisas se dizem por parábolas, Para que, vendo, vejam, e não percebam; e, ouvindo, ouçam, e não entendam; para que não se convertam, e lhes sejam perdoados os pecados”* (Marcos 4:11, 12).

É bastante certo que Jesus acreditava que o Reino viria com poder apocalíptico. Como Messias, viria *“no fim dos tempos”* com os anjos de Deus e ressuscitaria os mortos. Ele viria com uma luz brilhante, testemunhada universalmente de uma ponta à outra do céu (Lucas 17:24). Após um breve e intenso período de grande tribulação, o sol escureceria, a lua ficaria vermelha como sangue e as estrelas cairiam (Marcos 13:24, 25; Mateus 24:21, 29-31). Uma “crise” cataclísmica ocorreria. Ele viria com tal poder que haveria *“choro e ranger de dentes”* de todos os ímpios que seriam expulsos do Seu Reino. Sim, ele acreditou nos profetas.

Mas o mistério tão inesperado para os contemporâneos de Jesus foi que o Reino que está para vir em tal convulsão cósmica entrou de facto no mundo de antemão, numa forma oculta, e já está a trabalhar secretamente dentro e entre os homens. O mistério do Reino é a chegada do Reino à história antes da sua manifestação apocalíptica. É, em suma, *“cumprimento sem consumação [presente]”*. Existe um aspeto do Reino de agora, mas não de agora. Existe uma tensão entre o presente agora e o futuro esperado. O NT deve ser lido tanto com este aspecto presente como com o futuro do Reino em tensão.

Há *“tanto uma presente manifestação preliminar do espírito e do poder do Reino como a sua futura inauguração e estabelecimento mundial na Segunda Vinda”*. [36] Esta é a única verdade ilustrada pelas várias parábolas de Marcos 4 e Mateus 13. [37] Uma ou duas ilustrações disto são adequadas. Tomemos a parábola do grão de mostarda: *“Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante ao grão de mostarda que o homem, pegando nele, semeou no seu campo; O qual é, realmente, a menor de todas as sementes; mas, crescendo, é a maior das plantas,*

*e faz-se uma árvore, de sorte que vêm as aves do céu, e se aninham nos seus ramos.”. (Mateus 13:31, 32).*

Os judeus estavam familiarizados com a imagem de Israel como uma grande árvore (ver *Salmos 104:12; Ezequiel 17:23; 31:6*). Esperavam plenamente que, sob o Messias, ela seria a maior e a maior árvore de todas as nações. Então, como poderia este galileu insignificante ser o Messias? E o seu grupo de discípulos meio alfabetizados, como poderiam representar o Reino dos Céus? Os judeus não conseguiam compreender como se podia falar do Reino sem uma manifestação tão abrangente do governo de Deus. “Como poderia o glorioso Reino vindouro ter alguma coisa a ver com o pobre pequeno grupo de discípulos de Jesus? Rejeitado pelos líderes religiosos, abraçado pelos cobradores de impostos e pelos pecadores, Jesus parecia mais um sonhador iludido do que o portador do Reino de Deus”. [38] A resposta de Jesus é primeiro a pequena semente e depois, no final, a enorme árvore. A pequenez do seu ministério atual não exclui a futura invasão gloriosa do Reino de Deus. A parábola do grão de mostarda ilustra a verdade de que o Reino, que um dia será uma grande árvore, já está presente no mundo na pessoa de Jesus e dos seus seguidores, embora atualmente, pelos padrões do mundo, seja uma forma insignificante.

É certo que muitos comentadores veem nesta parábola uma previsão do crescimento da Igreja numa grande instituição – a chamada Igreja do Reino. Esta interpretação, porém, tem a fraqueza de não reconhecer adequadamente o contexto histórico da parábola. Afasta Jesus do seu meio social e do contexto da fé de Israel. Em suma, não tem qualquer fundamento exegético. Que a Igreja não é o Reino torna-se claro quando nos lembramos que é tarefa da Igreja pregar o Reino. Através da sua mensagem do Evangelho do Reino será decidido quem entrará no Reino no final desta era e quem será excluído. A Igreja não se prega a si própria! “*A Igreja é o povo do Reino, mas não se pode identificar com o Reino*”. [39] Por isso, “esta interpretação baseia-se na identificação do Reino e da Igreja, visão que consideramos insustentável”. [40]

A parábola do fermento apresenta a mesma verdade que a do grão de mostarda. Isto quer dizer que o Reino de Deus, que um dia governará todas as nações da terra, já entrou – na pregação de Jesus – no mundo numa forma quase impercetível para os judeus (e para o resto): “*Outra parábola lhes disse: O reino dos céus é semelhante ao fermento, que uma mulher toma e introduz em três medidas de farinha, até que tudo esteja levedado*” (Mateus 13:33).

Muitos comentadores viram aqui novamente a ideia de que através de um lento processo de penetração a Igreja acabará por penetrar em toda a sociedade e assim o mundo será transformado. Outros comentadores interpretam o fermento como uma doutrina maligna que permeou uma Igreja apóstata. Contudo, estas ideias eram estranhas à mente de Jesus e ao contexto judaico em que ensinava. A interpretação que melhor se adapta ao cenário histórico em que funcionou o ministério de Jesus é a de que o fermento representa o Reino agora oculto, que um dia tudo controlará.

Esta parábola só ganha significado quando interpretada no contexto da vida do ministério de Jesus. Todos os judeus compreenderam o carácter poderoso e irresistível do Reino escatológico. A vinda do Reino significaria uma mudança completa na ordem das coisas. A atual ordem maligna do mundo e da sociedade seria completamente substituída pelo Reino de Deus. O problema é que o ministério de Jesus não iniciou tal transformação. Pregou a presença do Reino de Deus, mas o mundo continuou como antes. Como poderia então este ser o Reino?

A resposta de Jesus é que quando se coloca um pouco de fermento na massa, não parece acontecer nada. Na verdade, o fermento parece bastante absorvido pela massa. Eventualmente algo

acontece e o resultado é a transformação completa da massa. A ênfase não deve ser colocada na forma como a transformação é alcançada. A ideia de o Reino de Deus conquistar o mundo através da penetração gradual e da transformação interior era completamente estranha ao pensamento judaico. A ideia de gradualidade é contrariada pelas parábolas do joio e da rede que varre, onde o Reino chega através do julgamento apocalíptico e da destruição do mal, em vez de uma transformação gradual do mundo.

A ênfase da parábola está no contraste entre a vitória final e completa do Reino quando a nova ordem chegar, e a forma presente e oculta desse Reino tal como veio ao mundo. Nunca ninguém imaginaria que Jesus e o seu pequeno grupo de discípulos tivessem algo a ver com o futuro glorioso Reino de Deus. Este é o mistério, a nova verdade sobre o Reino. Como ou quando virá o futuro Reino não faz parte da parábola. [41]

Jesus utilizou muitas outras parábolas para ilustrar este mistério oculto do Reino de Deus. As parábolas da pérola preciosa e do tesouro escondido no campo (*Mateus 13:44-46*), da rede que varre (*Mateus 13:47-50*) e do homem que semeou a semente (*Marcos 4:26-29*). todos ilustram o ponto de que em Jesus, o Cristo, o Reino veio entre os homens de uma forma inesperada. Os judeus de toda a parte ansiavam pela plena manifestação do Reino de Deus. Mas ela veio de uma forma que eles não reconheciam, então eles a ignoraram e até a desprezaram, rejeitando Jesus como o Messias. Jesus simplesmente não se encaixava nos moldes históricos, religiosos e políticos esperados da época. Como observou outro:

Jesus não era um homem do grupo de poder religioso e político (um sacerdote ou um teólogo como os saduceus) nem um homem de revolução política violenta (um libertador político como os zelotes). Não era um homem que aderisse à emigração apolítica (não era um monge como o povo de Qumran) nem um homem de compromisso jurídico religioso (não era um observador piedoso da lei como os fariseus). Este perfil distinto de Jesus, a sua alteridade em comparação com outros grupos politicamente relevantes, foi a primeira razão para o conflito sobre Jesus. Jesus era diferente! [42]

Foi a diferença entre Jesus e o grupo heterogêneo de seguidores que ele atraiu e as suas palavras que foi tão desconcertante para aquilo a que na nossa sociedade chamaríamos a “maioria conservadora da classe média”. Como poderia ele ser o Rei de Israel? Como poderia anunciar que o Reino está “próximo”? Como poderia alguém que violou o sábado e as regras de pureza e se misturou com a companhia errada (prostitutas, cobradores de impostos, leprosos) ser o seu Rei prometido? Jesus acolheu os “pecadores”, os leprosos, os impuros, os cegos, os coxos, os surdos, os mudos, as prostitutas e os cobradores de impostos. Claro que afirmou cumprir todas as antigas esperanças e ideais de Israel, mas fê-lo de uma forma que parecia transcender todas as convenções com uma agenda inteiramente nova. Nesta sociedade, os marginalizados foram excluídos da esperança messiânica. Mas:

Contrariamente a qualquer avaliação superficial, seguir Jesus significa participar no Reino de Deus. Presente na pessoa e obra de Jesus, sem exibição exterior ou glória visível, estava o próprio Reino de Deus... Historicamente, as parábolas respondem à pergunta sobre o estranho carácter dos seguidores de Jesus. Atraiu cobradores de impostos e pecadores. Na expectativa popular, a vinda do Reino significaria não só que o Messias “*destruiria as nações ímpias com as palavras da sua boca... e ... repreenderia os pecadores pelos pensamentos dos seus corações*”; Também iria “*reunir um povo santo a quem guiaria na justiça*” ... Jesus não reuniu um povo tão santo. Pelo contrário, Ele disse: “*eu não vim chamar os justos, mas, sim, os pecadores*” (*Marcos 2:17*) ... Como poderia o Reino de Deus ter alguma coisa a ver com uma

comunhão tão estranha? A função do Reino não é, por definição, destruir todos os pecadores e criar uma comunidade sem pecado? A resposta de Jesus é que um dia o Reino criará uma comunidade tão perfeita. Mas antes deste acontecimento do fim dos tempos, ocorreu uma manifestação inesperada do Reino de Deus. [43]

Esta é a mesma linha de pensamento que ainda hoje faz com que os judeus rejeitem Jesus como Messias. Os judeus de hoje raciocinam que, uma vez que os profetas hebreus previram um Messias que venceria os governos malignos, e uma vez que Jesus não derrubou o Império Romano na Palestina nem trouxe o Reino de Deus, Jesus foi enganado e os seus discípulos foram enganados a acreditar que ele era o prometido Messias. Portanto (os judeus de hoje ainda argumentam), o NT é um documento falso.

Portanto, os judeus do passado e do presente não compreenderam que o Reino de Deus envolve dois grandes momentos: o cumprimento no ministério de Jesus de Nazaré e o clímax no fim dos tempos, introduzindo uma nova era na história, quando o Messias regressar em glória. Se o assunto ficasse por aqui, seria muito triste. Mas, infelizmente, até os cristãos perderam a fé na mensagem central de Jesus e dos apóstolos, isto é, o Evangelho do Reino. Pergunte a si mesmo: Quando ouve o Evangelho proclamado hoje, ouve alguma coisa sobre o Reino de Deus? Ou é simplesmente convidado a “convidar Jesus a entrar no seu coração”?

Substituímos a forte ênfase no fim dos tempos por coisas do céu para as almas desencarnadas quando morrerem. (Para muitos, a ideia de ser uma alma desencarnada no céu sugere um tédio eterno. Um dos meus colegas de trabalho disse-me recentemente que quer ir para o inferno, onde será a verdadeira festa.) Transformámos o plano mestre de Deus para a redenção dos mundos e da sociedade numa patética caricatura subjetiva. Nenhum hebraico baseado na Bíblia teria considerado um conceito tão nebuloso. Onde aparece esta forma de convite evangélico no NT? Pelo contrário, como *Anthony Buzzard* afirma de forma tão poderosa:

O Evangelho pregado por Jesus convida-o também a passar o resto da sua vida a preparar-se para participar na supervisão deste futuro Reino numa terra renovada. Está convidado a ser co-herdeiro do Reino com o Messias. Em suma, o Jesus da história, o “teocrata” original, continua o seu trabalho de recrutamento de membros da sua casa real, o partido teocrático, que são instados a preparar-se com a ajuda divina para participarem no governo do Messias no futuro. Esta será a primeira e única administração que governará o mundo com sucesso. [44]

Infelizmente, não ouvimos hoje esta ênfase escatológica. Há uma antipatia pelo Evangelho do Reino tal como Jesus o pregou. Nem sempre foi assim. “Para os cristãos dos primeiros três séculos, o Reino era totalmente escatológico. Uma oração do início do século II diz: *‘Lembra-te, Senhor, da tua Igreja, de ... a reunir na sua santidade desde os quatro ventos para o teu reino que preparaste para ela’*”. [45]

Como ocorreu este afastamento do Evangelho do Reino? O raciocínio é este: uma vez que Jesus afirmou ser o Messias, e uma vez que não destruiu o domínio romano na Palestina nem trouxe uma era de glória a Israel, estabelecendo o Reino terreno de Deus, Jesus não pretendia, obviamente, este significado literal do seu ensino evangélico. Tais interpretações políticas e terrenas são demasiado literalistas. São ideais judaicos errados. O que Jesus veio realmente trazer foi um reino “espiritual”, isto é, um reino do governo e da soberania de Deus dentro dos corações dos homens. Não disse ele: “*porque eis que o reino de Deus está entre vós*” (*Lucas 17:21*)? Foi *Agostinho de Hipona* (354-430 d.C.) quem popularizou esta posição.

Parte deste mal-entendido vem da própria frase “Reino dos Céus”. Para os ouvidos ocidentais, o “céu” está lá fora, no espaço etéreo, para além da percepção humana. Para os ouvidos modernos, “céu” é o lugar para onde vamos quando morremos. Na nossa opinião, “céu” é místico. Mas não para a mente hebraica. “Em contraste, o céu bíblico é uma metáfora que significa o futuro prometido por Deus, a era vindoura, o Reino de Deus (que também é chamado ‘o Reino dos Céus’). Que melhor metáfora para representar o futuro prometido por Deus do que os céus, o céu acima, para o qual é natural olhar quando imaginamos o futuro? [46] Ou seja, o que existe “no céu” para o hebreu existe no futuro prometido por Deus. Céu, então, é uma figura de linguagem hebraica, sinónimo da vida futura da era vindoura que virá à Terra quando Jesus Cristo regressar em glória real para estabelecer o reinado de Deus sobre o mundo, de acordo com todas as promessas de Deus.

Assim, o céu representa o lar eterno onde Deus e o seu povo desfrutarão de uma comunhão sem fim, mas em vez de um lar invisível no céu para onde vão quando morrem, é um lar visível que emergirá do céu, isto é, do futuro, por assim dizer, na segunda vinda do Messias para renovar a terra; É o Reino de Deus vindouro. [47]

A única forma de interiorizar esta esperança e torná-la uma posse espiritual presente (dizendo que “Jesus vive e reina agora no meu coração”) é compreender que, ao comprometer-me com este Evangelho do Reino vindouro, estou a identificar-me a mim e a todos dos meus sonhos e aspirações futuras com este futuro prometido de renovação mundial quando Jesus Cristo regressar à terra. Não se trata simplesmente de rezar como um papagaio: “*Venha o teu Reino*”. É “*arrepender-se e acreditar no Evangelho*” sobre o Reino. Foi adotando os valores do Reino de amor e não-violência que Jesus abraçou. Jesus é o protótipo do Novo Homem que Deus trará para a era vindoura. Jesus rejeitou todas as abordagens mundanas de dominação e intimidação sobre os outros. Vim para servir. Ele partilhará o seu Reino com aqueles que vivem neste tempo com estes, os seus valores. Jesus “*vive no meu coração*” somente quando estou tão persuadido por este Evangelho do Reino vindouro que a sua palavra é a força motivadora na minha vida diária: *E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro*. (1 João 3:3).

Lembro-me de uma vez estar sentado num culto na igreja, quando a pessoa que liderava o culto de comunhão, a Ceia do Senhor (nos círculos da Igreja de Cristo chamamos a esta pessoa “o presidente” porque ele preside à mesa), convidou qualquer pessoa da congregação a partilhar publicamente o que a comunhão significava para si. Um deles levantou-se para dizer que isso significava que os seus pecados tinham sido perdoados pelo sangue de Jesus. Outro levantou-se para dizer que isso significava que poderia renovar a sua proximidade com Deus durante a próxima semana. Outro levantou-se e partilhou que ao comer o pão e ao beber o cálice se sentia como se pertencesse ao corpo de Cristo. Provavelmente oito pessoas testemunharam neste sentido pessoal. Foi significativo que nenhuma pessoa tenha partilhado que isso significava para eles o que significava para Jesus. Pois foi à sombra da cruz, ao instituir a Ceia do Senhor, que Jesus disse aos seus seguidores:

*“E disse-lhes: Desejei muito comer convosco esta páscoa, antes que padeça; Porque vos digo que não a comerei mais até que ela se cumpra no reino de Deus. E, tomando o cálice, e havendo dado graças, disse: Tomai-o, e reparti-o entre vós; Porque vos digo que já não beberei do fruto da vide, até que venha o reino de Deus”.* (Lucas 22:15-18).

Para Jesus, comer o pão e beber o cálice com os seus seguidores significava uma promessa. Isto significava que comeria e beberia com eles no Reino de Deus que se avizinhava: *“E eu vos destino o reino, como meu Pai mo destinou, Para que comais e bebais à minha mesa no meu reino, e vos*

*assenteis sobre tronos, julgando as doze tribos de Israel” (Lucas 22:29, 30). Jesus acreditava firmemente que sentados à volta daquela mesa estariam os patriarcas ressuscitados de Israel, Abraão, Isaac e Jacob, juntamente com “muitos virão do oriente e do ocidente” (Mateus 8:11). O apóstolo Paulo disse ainda à igreja que “Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha” (1 Coríntios 11:26). Foi esta esperança do futuro prometido da era vindoura que foi a força primária e unificadora na vida e fé do próprio Jesus. Só quando se tornar nosso poderemos dizer verdadeiramente “Pois o reino de Deus está no meio de vós”.*

O evangelho que Jesus pregou dizia respeito antes de mais a este futuro Reino de Deus. Jesus comparou “o Reino de Deus” com “a era vindoura, a vida eterna”. Ele disse aos seus discípulos:

*“Na verdade, vos digo que ninguém há, que tenha deixado casa, ou pais, ou irmãos, ou mulher, ou filhos, pelo reino de Deus, Que não haja de receber muito mais neste mundo, e na idade vindoura a vida eterna” (Lucas 18:29, 30).*

Jesus disse que “nascer de novo” – o grande lema do evangelicalismo moderno – é a condição necessária para entrar no Reino quando ele chegar:

*“Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo [ou nascer do alto], não pode ver o reino de Deus” (João 3:3).*

Depois observe como a frase muda ligeiramente:

*“Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus” (João 3:5).*

Alguns versículos depois, o Senhor Jesus explica o que é “ver” ou “entrar” no reino de Deus. Diz que acreditar nele significa “**ter vida eterna**” (literalmente, vida na era futura, *João 3:15, 16*).

Os discípulos também equipararam “salvação” a “entrar no reino de Deus”. Quando Jesus lhes diz que é difícil um rico entrar no **reino de Deus**, e que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus, eles perguntam espantados: “*Quem poderá, pois, salvar-se?*” (*Mateus 19:24, 25*).

Somando tudo isto obtemos a equação:

**O Reino de Deus = a vida do século vindouro = vida eterna = salvação**

É um facto notável, então, que os discípulos de Jesus pregaram este Evangelho do Reino muito antes de compreenderem que Jesus seria crucificado e ressuscitado. Um Dia Jesus chamou os doze à parte e disse-lhes:

*“E, tomando consigo os doze, disse-lhes: Eis que subimos a Jerusalém, e se cumprirá no Filho do homem tudo o que pelos profetas foi escrito; Pois há de ser entregue aos gentios, e escarnecido, injuriado e cuspido; E, havendo-o açoitado, o matarão; e ao terceiro dia ressuscitará. E eles nada disto entendiam, e esta palavra lhes era encoberta, não percebendo o que se lhes dizia”. (Lucas 18:31-34).*

Pelo menos quatro vezes depois de Pedro ter confessado Jesus como o Cristo em Cesareia de Filipe, Jesus predisse que seria morto e ressuscitado, embora os discípulos de todas as vezes não conseguissem compreender isso (*Marcos 8:31*, comparar os versículos 34-37; 9:9, 31; 10:33, 34) Repito: os discípulos estavam a pregar o Evangelho da salvação, o Evangelho do Reino, o

Evangelho da vida eterna, antes de terem qualquer compreensão da morte, sepultamento e ressurreição de Jesus!

Claramente o Reino de Deus foi o primeiro tema da agenda nas apresentações apostólicas do Evangelho. Isto não é surpreendente, pois Jesus sempre proclamou o Evangelho do Reino, e isto foi muito antes de se dizer algo sobre a sua morte pelos nossos pecados, algo que os discípulos não compreenderam! (*Lucas 18:31-34*). É imensamente instrutivo notar que o tema do Reino não pode ter incluído originalmente a morte e ressurreição de Jesus. [48]

É certo que só com base na obra consumada de Cristo na cruz e na sua ressurreição podemos entrar no Reino de Deus que se avizinha. Mas Jesus não abandonou nem por um momento a esperança terrena que herdou da sua herança hebraica. Acontece que ele sabia que o Reino Messiânico não viria da primeira vez. Ele deve morrer primeiro e ressuscitar para nos abrir o caminho. Não haverá colheita, a não ser que primeiro o grão de trigo caia por terra e morra (*João 12:24*). Toda a sua energia e concentração estavam focadas na preparação dos seus seguidores para este grande evento universal. O facto fundamental é que Jesus afirmou ser o Messias destinado não só a morrer pelos nossos pecados, mas também a governar este mundo numa comunidade futura que será estabelecida na sua Segunda Vinda. Qualquer teologia que não viva e respire nesta atmosfera perdeu o contacto com o Jesus da Bíblia. É neste contexto que iremos agora aprofundar um pouco mais.

### **Promessas aos Pais**

Poucos leitores da Bíblia de hoje parecem perceber que o Evangelho tem a ver com o cumprimento de certas promessas juramentadas que Deus fez a Abraão e depois estendeu a David. A rubrica do NT é *Mateus 1:1*: “*LIVRO da geração de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão*”. A conclusão do NT é a confissão de Jesus ressuscitado: “*Eu sou a raiz e a geração de Davi*” (*Apocalipse 22:16*). Tudo o que está entre estes “suportes para livros” pretende mostrar como Jesus atende aos critérios do “filho de David”. Estas promessas “aos pais” constituem a base de todo o ministério do Reino de Jesus e da mensagem do Evangelho. Podemos resumir a história destas promessas fundamentais desta forma: Deus prometeu a Eva que um dos seus descendentes reverteria a maldição que entrou no mundo no Éden. Este descendente (mais tarde delineado como o Messias) emergiria da família de Abraão e obteria a posse da terra da Palestina e do mundo para sempre. O próprio Abraão, mesmo que, entretanto, morra, é informado de que também desfrutará para sempre desta herança prometida. No entanto, uma herança eterna só fará sentido se Abraão voltar à vida. Eis os primeiros sinais de que no plano de Deus haverá uma ressurreição dos mortos.

Entretanto, gerações da linhagem de descendentes de Abraão vão e vêm. Embora este povo chamado Israel entre na Terra Prometida sob o comando de Josué, a promessa feita a Abraão ainda não foi cumprida. Abraão ainda dorme no pó da terra. Mas a promessa não falhou. Na verdade, Deus esclarece ainda que este prometido descendente de Abraão será um rei poderoso, também descendente de David (*2 Samuel 7:12-16*). Assim, a promessa ganha especificidade e é ampliada. O Rei e o seu Reino tornam-se a esperança de cada verdadeiro filho de Abraão. “Nestes poderosos temas de segurança permanente, monarquia e território, assenta toda a estrutura da história bíblica. É preciso notar cuidadosamente que a Mensagem nunca é meramente “religiosa”. É nacional e universal e está relacionado com o futuro da Terra”. [49] São estas promessas do AT a Abraão de terra e trono que constituem a própria base do anúncio do Evangelho do Reino por Jesus! Se me permitem mais uma vez tomar de empréstimo uma das afirmações de *Anthony Buzzard*: “Não será



um exagero dizer que a falta de compreensão dos termos dos arranjos de Deus com Abraão é a raiz da enorme confusão que existe agora na mente dos paroquianos. propósito total da fé cristã. [50]

Os apóstolos anunciaram que estavam a pregar “**que a promessa que foi feita aos pais**” (Atos 13:32). Repetidas vezes o NT declara uma ligação entre a missão de Cristo e as promessas que Deus fez através dos profetas da antiguidade: “*Digo, pois, que Jesus Cristo foi ministro da circuncisão, por causa da verdade de Deus, para que confirmasse as promessas feitas aos pais*”. (Romanos 15:8).

De alguma forma, a honra de Deus, “a verdade de Deus”, está ligada à necessidade de Cristo cumprir “as promessas feitas aos pais”. Quaisquer que sejam estas promessas, têm evidentemente a ver com os judeus, pois anteriormente Paulo declarou: “*por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne; que são israelitas, dos quais é a adoção de filhos, e a glória, e as alianças, e a lei, e o culto, e as promessas*” (Romanos 9:3, 4). Mais definitivamente ainda, Paulo diz: “*Ora, as promessas foram feitas a Abraão e à sua descendência. Não diz: E às descendências, como falando de muitas, mas como de uma só: E à tua descendência, que é Cristo... E, se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão* [literalmente, ‘descendência’, e herdeiros conforme a promessa” (Gálatas 3:16, 29).

Obviamente, se quisermos saber que promessas tem Paulo em mente, devemos referir-nos à história de Abraão, porque foi daí que ele obteve a sua informação. A maioria de nós está familiarizada com o esboço da história de Abraão. Sabemos que Deus o chamou para deixar a sua casa na Caldeia e tornar-se morador de tendas, um “peregrino” na terra de Canaã. Sabemos que Deus prometeu a Abraão que um dia o Salvador do mundo viria da sua linhagem e que através da pregação do Evangelho todas as nações da terra seriam abençoadas através dele. Mas não nos apercebemos que a promessa feita a Abraão tem mais relevância. Afinal, “Pai Abraão” é significativo e aplicável à história passada dos judeus, mas que relevância têm para o cristão de hoje as promessas que lhe foram feitas há mais de 3000 anos?

Esta atitude desdenhosa é um triste reflexo do quanto o Cristianismo moderno se desviou da própria essência do Evangelho do Novo Testamento. Há uma série de canções e hinos antigos da escola dominical que falam sobre a travessia do rio Jordão quando morreremos e ascendermos ao céu: “Onde está agora o profeta Daniel? Seguro na Terra Prometida.” É difundida a ideia de que a Terra Prometida é o céu e que todos os fiéis mortos, incluindo Abraão, Daniel e os “pais”, já estão na glória. Estes sentimentos modernos dão a impressão de que, para a maioria, as promessas feitas aos pais já foram cumpridas e, por isso, não têm relevância atual. Mas isto está muito longe do ensino do NT, que vê as promessas feitas aos pais como a base do Evangelho salvador e ainda a aguardar o cumprimento futuro. Depois do Pentecostes, Estêvão disse que Abraão ainda não tinha herdado Canaã. Até àquele dia, Deus não tinha dado a Abraão “nenhuma herança” “*para esta terra em que habitais* [os judeus] *agora... nem ainda o espaço de um pé*” (Atos 7:4, 5). Estêvão acreditava que a promessa de Deus a Abraão ainda estava à espera de ser cumprida.

Já tivemos ocasião de observar *Hebreus 11*: “*Todos estes [pais] morreram na fé, sem terem recebido as promessas; mas vendo-as de longe, e crendo-as e abraçando-as, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra. Porque, os que isto dizem, claramente mostram que buscam uma pátria*” (versículos 13-14).

Então Abraão, Isaac e Jacob, Daniel e os profetas morreram sem receberem o que Deus lhes tinha prometido: uma pátria própria! Os pais ainda não estão em segurança na Terra Prometida.

Este sentimento é ecoado no final de *Hebreus 11*: “*E todos estes, tendo tido testemunho pela fé, não alcançaram a promessa, Provendo Deus alguma coisa melhor a nosso respeito, para que eles sem nós [cristãos do NT] não fossem aperfeiçoados*” (versículos 39-40).

Portanto, no momento em que escrevemos o NT, as promessas que Deus tinha feito a Abraão e aos pais de Israel ainda não tinham sido cumpridas. Evidentemente, os cristãos também têm interesse nestas promessas feitas aos pais. Somos “*herdeiros da promessa*”; Somos descendentes de Abraão porque temos fé no mesmo Deus que fez as promessas (*Gálatas 3:16, 29*). Quando foi julgado pela sua fé, o apóstolo Paulo testemunhou que a salvação oferecida através de Cristo foi um cumprimento das promessas feitas aos pais: “*E agora pela esperança da promessa que por Deus foi feita a nossos pais estou aqui e sou julgado. A qual as nossas doze tribos esperam chegar,*” (*Atos 26:6, 7*).

Esta fé estava na boa tradição hebraica, tal como foi expressa por muitos. Maria, a mãe de Jesus, também compreendeu que Jesus deve cumprir as promessas feitas aos pais de Israel: “*Auxiliou a Israel seu servo, Recordando-se da sua misericórdia; Como falou a nossos pais, Para com Abraão e a sua posteridade, para sempre*” (*Lucas 1:54, 55*).

O pai de João Batista também elogiou Deus por se lembrar das Suas promessas a Abraão e a David:

*“Bendito o Senhor Deus de Israel, porque visitou e remiu o seu povo, E nos levantou uma salvação poderosa Na casa de Davi seu servo. Como falou pela boca dos seus santos profetas, desde o princípio do mundo; para nos livrar dos nossos inimigos e da mão de todos os que nos odeiam; para manifestar misericórdia a nossos pais, E lembrar-se da sua santa aliança, E do juramento que jurou a Abraão nosso pai”* (*Lucas 1:68-73*).

O facto de Cristo Jesus ter ressuscitado dos mortos e estar agora no céu aguardando a sua Segunda Vinda é, segundo Pedro, prova de que as promessas aos pais ainda aguardam cumprimento futuro. Pedro ordena aos seus ouvintes que se arrependam e creiam para que Deus “*E envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado. O qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio*” (*Atos 3:20, 21*).

Estes versículos mostram que as promessas feitas aos pais ainda não tinham sido cumpridas nem mesmo no primeiro século d.C., ainda não tinham sido cumpridas depois da ascensão de Cristo ao céu, ainda não tinham sido cumpridas milhares de anos depois de Deus as ter feito originalmente. ainda não tinha sido cumprida depois de a igreja do NT ter sido destruída. começou, mesmo não cumprido quando o NT foi escrito! Estamos agora em condições de perguntar o que implicam as promessas aos pais e porque é que estas promessas são a chave para desvendar o significado de todo o Evangelho que o próprio Jesus pregou.

Quando Deus disse a Abraão para deixar para trás a sua terra natal e os seus laços familiares, Ele prometeu levá-lo “*E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção. E abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra*” (*Génesis 12:2, 3*). Os dois pilares centrais da promessa de Deus a Abraão eram dar-lhe a Terra Prometida e fazer dos seus descendentes uma nação poderosa. Esta promessa foi repetida inúmeras vezes:

*“E disse o SENHOR a Abrão, depois que Ló se apartou dele: Levanta agora os teus olhos, e olha desde o lugar onde estás, para o lado do norte, e do sul, e do oriente, e do ocidente.*

*Porque toda esta terra que vês, te hei de dar a ti, e à tua descendência, para sempre. E farei a tua descendência como o pó da terra; de maneira que se alguém puder contar o pó da terra, também a tua descendência será contada. Levanta-te, percorre essa terra, no seu comprimento e na sua largura; porque a ti a darei” (Gênesis 13:14-17).*

O leitor atento notará que a terra de Canaã está prometida ao próprio Abraão, pessoalmente, bem como aos seus descendentes. O texto diz: “*Eu te darei*”. Além disso, note-se que Deus não disse a Abraão: “*Eu dar-te-ei a terra através dos teus descendentes para sempre*”. Em vez disso, Deus prometeu: “*Darei a terra a ti e aos teus descendentes*”. É claro que esta promessa ainda não foi cumprida. Deve ser central no plano de Deus para este mundo, porque Deus reitera os mesmos dois elementos essenciais da Sua promessa: a Terra Prometida a Abraão e um grande número de descendentes que preencherão aquele país (ver também *Gênesis 12:7; 15:8-18; 17:8*); Deus liga a Sua honra e a Sua palavra a esta aliança abraâmica vezes sem conta com o divino “*eu farei*”. Novamente, depois de Abraão não ter impedido que o seu único filho, Isaac, fosse sacrificado, Deus sublinha ainda mais a promessa:

*“E disse: Por mim mesmo jurei, diz o SENHOR: Porquanto fizeste esta ação, e não me negaste o teu filho, o teu único filho, Que deveras te abençoarei, e grandissimamente multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus, e como a areia que está na praia do mar; e a tua descendência possuirá a porta dos seus inimigos; E em tua descendência serão benditas todas as nações da terra; porquanto obedeceste à minha voz” (Gênesis 22:16-18).*

Isaac e Jacob são chamados “*co-herdeiros da mesma promessa*” (*Hebreus 11:9*). Para eles foi repetida a promessa da terra e de muitos descendentes:

*“E apareceu-lhe o SENHOR [a Isaac], e disse: Não desças ao Egito; habita **na terra** que eu te disser; Peregrina nesta terra, e serei contigo, e te abençoarei; porque **a ti e à tua descendência darei todas estas terras**, e confirmarei o juramento que tenho jurado a Abraão teu pai” (Gênesis 26:2-4).*

*“E Deus Todo-Poderoso te abençoe [Jacó] e ... te dê a bênção de Abraão... para que em herança possuas a terra de tuas peregrinações, que Deus deu a Abraão... Eu sou o SENHOR Deus de Abraão teu pai, e o Deus de Isaque; esta terra, em que estás deitado, darei **a ti e à tua descendência**. E a tua descendência será como o pó da terra, e estender-se-á ao ocidente, e ao oriente, e ao norte, e ao sul, e em ti e na tua descendência serão benditas todas as famílias da terra”. (Gênesis 28:3, 4, 13, 14).*

Já observamos que Jesus interpretou estas promessas literalmente, porque acreditava que os indivíduos Abraão, Isaac e Jacob seriam pessoalmente levantados por Deus para viverem na Terra Prometida na era messiânica vindoura (*Mateus 22:23-33*). É por isso que Jesus defendeu a ressurreição dos mortos: Abraão, Isaac e Jacob morreram sem terem recebido a promessa que Deus lhes tinha feito, e era impossível que a palavra de Deus não se cumprisse.

### 1. Uma nação grande e poderosa

Não admira que os hebreus fossem apaixonados pelas “promessas aos pais”. Dois elementos-chave se destacam. Em primeiro lugar, os descendentes de Abraão tornar-se-iam uma nação poderosa através da qual a terra seria abençoada. Infelizmente, os judeus rejeitaram sempre os profetas de Deus e provaram ser indignos deste elevado privilégio e destino. No final, até mataram o Filho de Deus, Jesus, o Cristo. O Israel natural, “*Israel segundo a carne*”, foi “separado” do caule e da raiz. E assim os gentios que aceitam que Jesus é o Messias e acreditam no seu Evangelho do Reino são “enxertados” na oliveira e assim passam a fazer parte do verdadeiro Israel de Deus,

ou seja, aqueles que acreditam nas promessas (ver *Romanos 11*). A grande nação que tem mais estrelas do que as estrelas do céu que foi prometida a Abraão, é agora composta por pessoas de todas as raças, sejam judeus ou gentios, que pela sua fé no Cristo de Deus mostram que têm a mesma fé que Abraão. Para:

*“Não que a palavra de Deus [a Sua promessa do Reino] haja faltado, porque nem todos os que são de Israel são israelitas [físicos] Nem por serem descendência de Abraão são todos filhos, mas: Em Isaque será chamada a tua descendência. Isto é, não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa são contados como descendência”* (*Romanos 9:6-8*).

O Evangelho em que os cristãos do NT devem acreditar é o mesmo Evangelho em que Abraão acreditou. É “o Evangelho do Reino” em que o próprio Jesus acreditou. Devemos ser fiéis à fé de Jesus. Em *Romanos 3* Paulo diz que Deus justificará o crente “que tem fé em Jesus” (versículo 26). No entanto, como a tradução da NASB diz corretamente na margem, esta frase traduzida literalmente é que Deus justificará aquele “que crê em Jesus”. Devemos ter a fé de Jesus, a fé pela qual viveu. Não pode haver fé em Jesus se não tivermos a fé de Jesus, a fé pela qual viveu, a fé que modelou, a fé que ensinou. Esta frase encontra-se no capítulo seguinte, onde Paulo fala da “fé de Abraão” (*Romanos 4:16*). É a mesma construção grega. Não há razão (para além da necessidade teológica!) para traduzir um caso como “a fé de Abraão” e o outro como “fé em Jesus”. Jesus tinha a fé de Abraão, ou seja, fé nas mesmas promessas de Deus.

O Evangelho em que os cristãos do NT devem acreditar é o mesmo Evangelho em que Abraão acreditou. É “o Evangelho do Reino” em que o próprio Jesus acreditou. Devemos ser fiéis à fé de Jesus. Em *Romanos 3* Paulo diz que Deus justificará o crente “*que tem fé em Jesus*” (versículo 26). No entanto, como a tradução da NASB diz corretamente na margem, esta frase traduzida literalmente é que Deus justificará aquele “*que crê em Jesus*”. Devemos ter a fé de Jesus, a fé pela qual viveu. Não pode haver fé em Jesus se não tivermos a fé de Jesus, a fé pela qual viveu, a fé que modelou, a fé que ensinou. Esta frase encontra-se no capítulo seguinte, onde Paulo fala da “*fé de Abraão*” (*Romanos 4:16*). É a mesma construção grega. Não há razão (para além da necessidade teológica!) para traduzir um caso como “*a fé de Abraão*” e o outro como “fé em Jesus”. Jesus tinha a fé de Abraão, ou seja, fé nas mesmas promessas de Deus.

Esta frase, “*a fé de Jesus*”, é muitas vezes obscurecida nas nossas Bíblias em português, embora seja assim que o texto grego a expressa. *Romanos 3:22* traduz: “*a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo [é] para todos e sobre todos os que crêem*”. No entanto, não há preposição antes das palavras “Jesus Cristo” e a última frase está no caso genitivo. Traduz-se com mais precisão: “*a justiça de Deus através da fé em Jesus Cristo*” (é assim que a KJV traduz). O mesmo é verdade em *Filipenses 3:9*. Aqui Paulo está disposto a considerar todas as coisas como “lixo” para ter um relacionamento correto com Deus através de Jesus, “*não tendo a minha justiça que vem da lei, mas a que vem pela fé em Cristo*, a saber, a justiça que vem de Deus pela fé”. Mais uma vez, não há aqui preposição, e “Cristo” está no caso genitivo, que a KJV traduz naturalmente como “*aquilo que é pela fé em Cristo*”. O mesmo se aplica em *Gálatas 2*, onde lemos: “*Sabendo, porém, que ninguém é justificado por obras da lei, senão pela fé em Jesus Cristo, também nós temos crido em Cristo Jesus, para sermos justificados pela fé em Cristo, e não por obras da lei. Porque pelas obras da lei ninguém será justificado*” (versículo 16). Na verdade, diz: “*o homem é justificado pela fé no Messias*”. Apenas alguns versículos depois, Paulo diz: “*Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a pela fé do Filho*

*de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim*” (Gálatas 2:20). Novamente temos um “genitivo subjetivo”, pelo que a tradução exata é “*a fé do Filho de Deus*”.

A implicação prática é significativa. Qual é a fé que traz a justiça perante Deus Pai? É a fé do Messias Jesus. Com que fé viveu Jesus? Fé na promessa do Pai feita a Abraão (e confirmada no juramento davídico), de que Deus ressuscitaria os justos mortos e os traria para um Reino de glória através do Seu Rei Ungido. Ou seja, a fé no anúncio prometido do Reino escatológico. Esta é a “fé de Jesus”. O que é a firmeza do verdadeiro crente senão “guardar os mandamentos” de Deus e guardar “*a fé de Jesus*” (Apocalipse 14:12)? Não há outra maneira de ter fé em Jesus senão acreditar no que Jesus acreditou. Acreditar em Jesus é acreditar na Sua palavra ou proclamação do evangelho. Tudo isso significa que a única maneira de expressar a verdadeira fé em Jesus, o Cristo, é viver de acordo com a fé pela qual ele andou e foi motivado. A fé de Jesus na palavra de promessa de Deus torna-se a nossa fé na mesma promessa do Evangelho. O Evangelho de Paulo era a sua pregação da fé de Jesus, a proclamação do Evangelho de Jesus sobre o Reino de Deus, explicada à luz dos factos da morte e ressurreição de Jesus. A única forma de sermos justos perante o Pai é honrar a fé do seu Filho, ou seja, acreditar na Boa Nova do Reino de Deus que está a chegar e na qual ele acreditou. Isso é crer em Jesus. Isto é ser da fé de Abraão, ser um verdadeiro filho/filha de Deus. É ter a fé de Abraão que Paulo recomendou.

Os verdadeiros descendentes de Abraão, Isaac e Jacob são aqueles que agradam a Deus acreditando na Sua palavra de promessa. Os descendentes de carne e osso de Abraão, os judeus, até hoje na sua maioria não mostram que são da fé de Abraão, porque rejeitam o Messias que Abraão esperava. Foi a queixa de Jesus que, embora “*Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia, e viu-o, e alegrou-se*”, mas os seus contemporâneos não (João 8:56). A raça prometida dos descendentes de Abraão hoje vem do resto do mundo. Deus “*para tomar deles um povo para o seu nome*” (Atos 15:14). O Mistério do NT “*O qual noutras séculos não foi manifestado aos filhos dos homens... como agora tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas... [é] que os gentios são co-herdeiros, e de um mesmo corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho*” (Efésios 3:3-6). Aqueles “*daqueles que não somente são da circuncisão, mas que também andam nas pisadas daquela fé que teve nosso pai Abraão*” são os herdeiros das promessas feitas (Romanos 4:12). Hoje então, a promessa vem pela fé pela graça (e não segundo a Lei antiga) “*Portanto, é pela fé, para que seja segundo a graça, a fim de que a promessa seja firme a toda a posteridade... que é da fé que teve Abraão, o qual é pai de todos nós*” (Romanos 4:16). Quando um novo crente é batizado em Cristo, torna-se “*descendência de Abraão, [um] e herdeiros conforme a promessa*” (Gálatas 3:29). A missão de Cristo não era redimir “*E não somente pela nação [de Israel], mas também para reunir em um corpo os filhos de Deus que andavam dispersos*” (João 11:52).

Falando sobre o dia futuro em que esta grande multidão se reunirá, Jesus prometeu:

*“Mas eu vos digo que muitos virão do oriente e do ocidente, e assentar-se-ão à mesa com Abraão, e Isaque, e Jacó, no reino dos céus”* (Mateus 8:11).

Quando Cristo regressar à terra, Abraão verá no seu corpo ressuscitado o cumprimento literal da promessa que Deus lhe fez há muito tempo. Verá os seus descendentes tão numerosos como as estrelas do céu ou a poeira da terra. Os mortos de todas as gerações que são da sua fé estarão nesse Reino. “*Depois destas coisas olhei, e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas*” (Apocalipse 7:9). Os descendentes reais de Abraão herdarão finalmente o prometido Reino de Deus.

Que Jesus será o rei deste Reino é também uma parte fundamental desta promessa. Pois a promessa de Deus a Abraão recebeu ainda mais refinamento quando Deus profetizou a David que um dos seus descendentes se sentaria no seu trono para sempre. David teria um herdeiro real para que a sua dinastia nunca acabasse. Que Jesus é o herdeiro prometido do trono davídico é claro. O anjo Gabriel anunciou à virgem Maria:

*“E eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. Este será grande, e será chamado filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o **trono de Davi, seu pai**; E reinará eternamente **na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim**” (Lucas 1:31-33).*

O anjo Gabriel é muito preciso na escolha das palavras aqui. Não diz que Cristo reinará sobre “Israel”, mas sobre “Jacó”, isto é, sobre os descendentes literais de carne e sangue de Abraão, a mesma raça sobre a qual David reinou. Se nos tivessem dito que Cristo reinaria sobre a casa de “Israel”, muitos teriam ficado ainda mais inclinados a dizer que isso significava um reinado “espiritual” no coração de um Israel “espiritual”. Mas o anjo anuncia que o Reino de Cristo será um Reino Judaico literal sobre a casa de Jacob, no trono literal de David. A força disto é realçada quando comparamos com *1 Reis 2*: “*E Salomão se assentou no trono de Davi, seu pai, e o seu reino se fortificou sobremaneira*” (versículo 12).

Se a Bíblia significa que Salomão se sentou no trono literal do seu pai David, porque não há de significar uma realeza literal para Cristo, que também se sentará “*no trono de David, seu pai*” em Lucas 1:32? Este baseou-se num acordo de aliança que Deus fez com o Rei David:

*“Quando teus dias forem completos, e vieres a dormir com teus pais, então farei levantar depois de ti um dentre a tua descendência, o qual sairá das tuas entranhas, e estabelecerei o seu reino. Este edificará uma casa ao meu nome, e confirmarei o trono do seu reino para sempre... Porém a tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti; teu trono será firme para sempre” (2 Samuel 7:12-16; ver também 1 Crônicas 17:11-14).*

É claro que o trono de Israel era sinónimo do Reino de Deus. Cada rei de Israel e de Judá sabia que o seu trono lhe tinha sido dado por designação divina. Ele governou em nome de Deus. Resistir ao rei era opor-se a Deus:

*“Porventura não vos convém saber que o SENHOR Deus de Israel deu para sempre a Davi a soberania sobre Israel, a ele e a seus filhos, por uma aliança de sal?... E agora julgais que podeis resistir **ao reino do SENHOR**, que está na mão dos filhos de Davi” (2 Crônicas 13:5, 8).*

Quando a rainha de Sabá viu a glória do reino de Salomão, alegrou-se:

*“Bendito seja o SENHOR teu Deus, que se agradou de ti para te colocar no seu trono como rei para o SENHOR teu Deus; porque teu Deus ama a Israel, para estabelecê-lo perpetuamente; por isso **te constituiu rei sobre eles** para fazeres juízo e justiça” (2 Crônicas 9:8).*

*“Assim Salomão **se assentou no trono do SENHOR, como rei**, em lugar de Davi seu pai” (1 Crônicas 29:23).*

O Reino de Deus, então, é um império governado pelo rei de Israel entronizado em Jerusalém. Esta definição lançará muita luz sobre o que Jesus quis dizer com a Boa Nova sobre o Reino de Deus. O termo hebraico “reino do Senhor” reaparece em Apocalipse 11:15 onde, ao soar da

sétima trombeta, o poder dos atuais estados políticos será transferido porque “*Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo*”. [51]

Portanto, quando falamos das “*promessas aos pais*”, devemos entender que a Bíblia Hebraica está repleta da crença persistente dos profetas de que num dia glorioso no futuro Deus estabelecerá o Seu Reino na terra para ser administrado sob uma forma simples. Messias. Quando Jesus veio “*veio Jesus para a Galileia, pregando o evangelho do reino de Deus, E dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos, e crede no evangelho*” (Marcos 1:14, 15), estes eram os seus termos de referência. E podemos compreender que todo o judeu pensaria imediatamente que as promessas a Abraão e a David estavam prestes a ser cumpridas. O limiar do futuro glorioso prometido para Israel tinha chegado!

## 2. A Terra Prometida

O segundo elemento-chave da promessa feita aos pais judeus tem a ver com a terra da Palestina. Foi prometido a Abraão “*toda a terra de Canaã*” em que andou (Gênesis 17:8). Que Abraão nunca possuiu esta Terra Prometida é claro porque teve de comprar terras até para enterrar os seus mortos (Gênesis 23:4). Abraão era apenas um “*estrangeiro*” na terra prometida: “*Pela fé habitou na terra da promessa, como em terra alheia, morando em cabanas com Isaque e Jacó*” (Hebreus 11:9). Estêvão diz: Deus, “*E não lhe deu nela herança, nem ainda o espaço de um pé; mas prometeu que lhe daria a posse dela, e depois dele, à sua descendência, não tendo ele ainda filho*” (Atos 7:5). Percebe-se, então, que Abraão nunca gozou da Terra Prometida. Para Abraão esta promessa ainda não foi cumprida. Certamente Abraão teve todas as oportunidades de regressar ao seu país natal, Ur dos Caldeus. Todas as aparências estavam contra ele. Podia ter voltado dizendo: “Sou responsável por toda esta deambulação”. “Estou farto de todas as moscas e pó nestas tendas”. Quando se tornou claro que a promessa de Deus ainda estava no futuro, a tentação de desistir por desgosto deve ter sido grande por vezes. Mas estes pais “*morreram na fé, sem terem recebido as promessas; mas vendo-as de longe, e crendo-as e abraçando-as, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra*” (Hebreus 11:13). E sim, todos morreram sem receber as promessas.

Mas segundo o Evangelho de Jesus, eles vão recebê-los, porque “*e veio a tua ira, e o tempo dos mortos, para que sejam julgados, e o tempo de dares o galardão aos profetas, teus servos [Abraão, Isaac, Jacob e outros foram todos profetas], e aos santos [crentes de todos os tempos], e aos que temem o teu nome*” (Apocalipse 11:18). Este será o momento em que, como indica o contexto, “*Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre*” (versículo 15). É o momento em que o Messias Jesus voltará “*que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu reino*” (2 Timóteo 4:1). Daí a promessa de Jesus aos fariseus incrédulos:

*“Ali haverá choro e ranger de dentes, quando virdes Abraão, e Isaque, e Jacó, e todos os profetas no reino de Deus, e vós lançados fora. E virão do oriente, e do ocidente, e do norte, e do sul, e assentar-se-ão à mesa no reino de Deus” (Lucas 13:28, 29).*

Se houver alguma dúvida de que isso acontecerá na Terra Prometida, nesta mesma terra, leia novamente:

*“Então o SENHOR herdará a Judá como sua porção **na terra santa**, e ainda escolherá a **Jerusalém**” (Zacarias 2:12).*

*“Naquele dia, diz o SENHOR, congregarei a que coxeava, e recolherei a que tinha sido expulsada... [e farei delas] uma nação poderosa; e o SENHOR reinará sobre eles no monte Sião, desde agora e para sempre” (Miqueias 4:6, 7).*

*“Também eu me lembrarei da minha aliança com Jacó, e também da minha aliança com Isaque, e também da minha aliança com Abraão me lembrarei, e da terra me lembrarei” (Levítico 26:42).*

*“Porque o SENHOR consolará a Sião; consolará a todos os seus lugares assolados, e fará o seu deserto como o Éden, e a sua solidão como o jardim do SENHOR; gozo e alegria se achará nela, ação de graças, e voz de melodia” (Isaías 51:3).*

Uma rápida análise de alguns dos muitos versículos que poderiam ser citados mostra que o NT diz que estas promessas só serão cumpridas quando Cristo regressar do céu e ressuscitar os fiéis mortos para viverem para sempre na terra prometida de Deus, sob o seu Messias ungido. O NT afirma que estas promessas ainda não foram cumpridas, embora Cristo já tenha vindo pela primeira vez. Ele *“aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação” (Hebreus 9:28)*. Desta forma, todas as nações da terra serão abençoadas, de acordo com as promessas feitas aos “pais”. Ao separar Jesus das *“promessas feitas aos pais”*, arrancamos o próprio coração do Evangelho do Reino pelo qual pregou e pelo qual morreu. No processo, privamo-nos de qualquer interesse pessoal nestas promessas. Estas promessas feitas aos pais são o fundamento do ministério de Jesus e da salvação que Ele agora oferece. A missão de Cristo era *“confirmar as promessas feitas aos patriarcas”*. A honra de Deus, a sua própria verdade, está em causa, como ensina *Romanos 15:8*.

Adoro a forma como *John R. Rice* ilustra esta verdade. Lamenta que, em criança, na Escola Dominical, tenha aprendido que na Segunda Vinda de Cristo, este planeta Terra seria queimado, destruído e desapareceria. Ensinaram-lhe que após um julgamento geral de toda a humanidade, os não salvos seriam enviados para o inferno eterno e os redimidos flutuariam, cantariam e tocariam as suas harpas numa cidade dourada suspensa no espaço na “Bela Ilha algures”! Lamenta também que mais tarde, quando foi para o seminário teológico, esta noção só se tenha fortalecido. Se os mansos alguma vez herdassem a terra, teriam de o fazer nesta vida. Porque todas as promessas a Israel significavam realmente a Igreja, e as promessas a Jerusalém e ao Monte Sião significavam realmente o céu! Foi-lhe ensinado que a idade de ouro será quando as espadas serão transformadas em relhas de arado e as lanças em foices (*Isaías 2:4; Miqueias 4:3*) e quando a terra estará cheia do conhecimento do Senhor como as águas cobrem o mar. (*Isaías 11:9*), seria alcançado quando a Igreja pregasse o Evangelho e estabelecesse uma nova sociedade através dos seus próprios esforços. Mas *Rice* diz que, quando começou a estudar os escritos proféticos da Bíblia, “ele aprendeu que Deus tinha prometido trazer os israelitas de volta à sua terra para a possuir para sempre, que o céu, então, deveria estar nesta terra”. Continua no seu “O Reino Vindouro de Cristo” com uma secção intitulada “Se Deus Se Decidiu Destruir Este Mundo”. Ilustra a total impossibilidade de Deus esquecer as suas promessas a Abraão desta forma:

Imaginemos que para agradar a todos aqueles... que ignoraram em grande parte as porções proféticas da Bíblia, o Senhor deveria preparar-se para queimar e destruir completamente este planeta ou a Terra. Suponhamos que, como muitos dizem, as profecias são altamente figurativas de qualquer modo e que estudá-las, ensiná-las ou pregá-las é em grande parte especulação, e assim o Senhor prepara-se para acender o fósforo ou dizer a palavra que destruirá completamente todo este planeta. Que multidão se reúne, imaginemos, para contemplar este grande acontecimento! Mas espere! Vejo um velho que anda como um rei e



se adianta para interromper a cerimónia. O seu rosto tem uma expressão de autoridade e a sua voz é ousada quando clama: “Espera, Senhor; Não pode destruir a minha propriedade!

“Imagino que o Senhor poderia dizer: “Este homem é meu amigo; Vamos ouvir o que ele tem para dizer. Fale, amigo, conte ao povo. Qual o seu nome? A que posse se está a referir? Que título tem da propriedade?”

“O meu nome”, diz o venerável patriarca, “é Abraão! De Ur dos Caldeus vim por tua ordem. Vim para Canaã e para a terra que me deste, ensinando-me pela fé a saber que mais tarde a herdaria. Fizeste as mesmas promessas a Isaac e a Jacob, e durante todos os nossos dias, embora ricos em ouro e prata, gado e servos, vivemos como estrangeiros e peregrinos em tendas, esperando pacientemente até herdarmos e possuímos para sempre a nossa própria terra. Este livro que tenho nas minhas mãos, ó Senhor Deus, é uma escritura escrita para a terra de Canaã, chamada pelo nome e assinada por Ti mesmo. É uma escritura de segurança que me garante a mim e aos meus filhos fiéis depois de mim – os filhos da promessa – a posse da terra para sempre. Pode queimar ervas daninhas, espinhos e cardos, se quiser. Destrua, se quiser, todos os germes de doenças e pragas de insetos que aumentaram a maldição na terra devido ao pecado do homem ao longo dos séculos. Oh, Senhor, podeis abalar e queimar as cidades, pois procuro outra cidade que tenha alicerces, cujo construtor e construtor é Deus. Os elementos podem derreter com o calor ardente, mas a terra é minha; deste-mo com a promessa de que o herdaria com a minha semente. “O Juiz de toda a terra não fará o que é justo?”

Se Deus quisesse agradar aos ignorantes e aos escarnecedores em relação às suas profecias, como confrontaria Abraão?

O escrito que Abraão possui é a Bíblia. [52]

*John Rice* descreve a questão aqui em jogo com uma linguagem bela e comovente. Prossegue dizendo que as Escrituras ensinam que “*no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra, e as obras que nela há, se queimarão*” (2 Pedro 3:10). Mas o mesmo capítulo explica que este será um julgamento como o dilúvio. 2 Pedro 3:6, 7 diz:

*“Pelas quais coisas pereceu o mundo de então, coberto com as águas do dilúvio, mas os céus e a terra que agora existem pela mesma palavra se reservam como tesouro, e se guardam para o fogo, até o dia do juízo, e da perdição dos homens ímpios”* (2 Pedro 3:6, 7).

O mundo uma vez “pereceu” no dilúvio. A terra ainda estará “nua” no próximo dia do juízo final. Mas, assim como a terra reapareceu das águas do dilúvio, para ser repovoada, repovoada e replantada, assim também de uma forma muito maior este planeta, limpo das pragas, das doenças e das marcas do pecado pelo fogo literal da ira de Deus, é será novamente plantado como Jardim do Éden. Este planeta nunca será completamente eliminado; nunca pode deixar de o ser. O fogo do juízo purificará esta terra, mas ela não deixará de existir. Continuará a ser a casa do povo de Deus por toda a eternidade. Canaã será de facto propriedade de Abraão e dos seus descendentes, e nesse tempo eles a possuirão para sempre! [53] Ou, se me permitem pedir emprestadas as palavras de outro: “Se o trono de David não reaparecesse em Israel, com o Messias como Rei, toda a revelação do AT se dissolveria numa lenda piedosa, se não numa fraude”. [54]

Podemos considerar positivamente, então, que existe uma doutrina bem definida no AT e no NT de que um grande descendente de David deve aparecer e reinará no trono de David em Jerusalém, e a monarquia de David na Palestina será restaurada. novamente num Reino eterno na terra. *Jorge Ladd* disse:

A esperança profética verdadeiramente hebraica espera que o Reino surja da história e seja governado por um descendente de David num ambiente terreno... Implica sempre uma irrupção de Deus na história... O Reino é sempre uma esperança terrena, ainda que uma terra redimida da maldição do mal... “O Reino de Deus” é um termo integrante para tudo o que inclui a salvação messiânica. [55]

Ou, como diz *John Rice*:

Todas as promessas e profecias não cumpridas da Bíblia se concentram em uma terra, uma raça e um trono. Estes três, o trono de Davi, sobre o povo de Israel, na terra de Canaã; formam o tríplice centro de toda profecia. Quem entende a aliança de Deus com Abraão sobre a terra de Canaã, sua aliança com Israel sobre sua restauração e conversão, e a aliança com Davi sobre seu trono, tem o coração e o centro das profecias. Quase tão proeminente nas profecias como estas três é a cidade de Jerusalém. [56]

Começamos esta subsecção por dizer que a rubrica do NT é que Jesus é “*filho de David, filho de Abraão*” (*Mateus 1:1*). Notamos também que a última confissão de Jesus sobre a sua identidade no NT é que ele é “*a raiz e a geração de Davi, a resplandecente estrela da manhã*” (*Apocalipse 22:16*). Entretanto, mostramos que todo o ministério e mensagem de Jesus pretendia confirmar as promessas feitas aos “pais”. É apropriado, antes de passar para a secção seguinte, fazer um momento de reflexão e adoração ao nosso Senhor. Tudo se resume nesta última confissão de *Apocalipse 22*. Estas são as palavras do nosso exaltado Senhor Jesus. Diz duas coisas sobre si próprio. Primeiro, é descendente de David e, segundo, é simbolizado pela estrela da manhã.

Como descendente de David, Jesus é o herdeiro de todas as promessas que Deus fez a David. É da linhagem real davídica, o Messias. À direita de Deus, continua a ser filho de David, “a descendência de David”. Ele é um ser humano. Sim, ocorreu uma ressurreição/glorificação, uma coroação. Mas não uma transmutação. Ele não foi mudado de uma natureza para outra, da humanidade para a Divindade. Como filho de David, está destinado a sentar-se no trono do seu pai David (*Lucas 1:32; Apocalipse 3:21*). Pedro recordou aos seus ouvintes que Deus determinou “*com juramento que do fruto de seus lombos, [de David] segundo a carne, levantaria o Cristo, para o assentar sobre o seu trono*” (*Atos 2:30*). Entretanto, o Senhor Messias de David está sentado “*à minha mão direita [Javé], até que ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés*” (*Salmos 110:1; Atos 2:34, 35*).

A segunda descrição de Jesus aqui no final do NT é “a estrela resplandecente da manhã”. É ele que anuncia o amanhecer do novo dia, da nova era. Como “estrela” cumpre a profecia: “Uma estrela sairá de Jacob” (*Números 24:17*). Como uma estrela “brilhante”, ele virá em grande e brilhante glória, trazendo uma nova era de glorificação para todos os que procuram a sua luz, pois “*seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos*” (*1 João 3:2; Daniel 12:3*). Finalmente, como estrela da “manhã”, é a introdutora da aurora, a aurora do Reino de Deus. Como ungido de Deus, ele e só ele está qualificado para trazer este mundo para a Nova Era. Que resumo adequado da mensagem do Evangelho do NT: Jesus, o filho de David, o filho de Abraão, a nossa “brilhante estrela da manhã”. Bendito seja o seu nome para sempre.

## **Iminência**

Uma das dificuldades que a nossa mente ocidental enfrenta é a linguagem que Jesus utilizou quando falou da vinda do Reino. Jesus iniciou o seu ministério com o anúncio de que o Reino

estava “próximo”. A impressão que se dá é que o Reino iria aparecer a qualquer momento. Certa vez, Jesus até disse aos seus discípulos: “*Cuando pois vos perseguirem nesta cidade, fugi para outra; porque em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel sem que venha o Filho do homem*” (Mateus 10:23). Aos nossos ouvidos isto soa como se Jesus esperasse realmente voltar para trazer o Reino de Deus antes que a primeira geração de cristãos morresse.

Isto tem levado muitos comentadores a acreditar que Jesus estava enganado na sua esperança de um Reino literal de Deus na terra, ou que a sua mensagem deveria ser interpretada num sentido espiritual, isto é, que depois do dia de Pentecostes ele traria o Reino para terra. Os corações dos homens enviando o Espírito Santo. Afinal, talvez Agostinho tivesse razão ao acreditar que o Reino é a Igreja, governada pelo Espírito de Deus? Caso contrário, o Reino não poderia estar “próximo”, porque já passaram mais de 2000 anos desde então e Jesus ainda não apareceu. Temos o aparente absurdo de Jesus acreditar que os discípulos ainda deveriam estar a vaguear pela terra de Israel até hoje e a pregar o Evangelho. Se, por outro lado, sustentamos que o Reino de Deus que Jesus proclamou é a irrupção escatológica de Deus no fim deste mundo, em que sentido estava “próximo” quando Jesus falou? Perante estas aparentes dificuldades, a Igreja alterou radicalmente a mensagem do Evangelho do Reino ensinada por Jesus e pelos seus apóstolos. De acordo com esta teoria revista, o Reino não pode ser uma futura restauração de Israel numa terra renovada governada pelo Messias e pelos seus conservos.

A solução reside na compreensão do conceito judaico de “iminência”. Já observámos aquele estilo de falar muito hebraico chamado “passado profético”. Isto é, quando Deus decreta que algo aconteça, os judeus podem falar sobre isso como se já tivesse acontecido. Aquelas coisas que ainda não estão na história, Deus chama-as como se já existissem (*Romanos 4:17*). O conceito de imediatismo está aliado a esta forma de pensar. O imediatismo é um recurso da profecia do AT através do qual um evento previsto que certamente ocorrerá é considerado iminente. É bastante claro que o próprio Jesus não sabia quando é que o Reino chegaria realmente. Disse claramente que não sabia o dia nem a hora. Só o seu Pai celestial conhecia este pormenor (ver Marcos 13:32). Embora Jesus não soubesse o dia nem a hora, e embora os apóstolos também não o soubessem, o que eles sabem é *que o Reino de Deus virá; É uma certeza absoluta*. É por isso que podem falar sobre isso como se estivesse no horizonte.

Mas isto ainda não resolve a nossa dificuldade relativamente às instruções de Jesus aos discípulos para continuarem a mover-se pelas vilas e cidades da Palestina “*até que o Filho do Homem venha*” em seu poder. Mais uma vez, o problema resolve-se quando entendemos que:

No típico estilo hebraico, dirige-se aos Apóstolos como representantes de uma pregação do Evangelho do Reino dos últimos tempos nas cidades de Israel. Falando aos onze apóstolos após a sua ressurreição, Jesus prometeu: “*estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos*” (Mateus 28:20). A promessa incorpora todos aqueles “descendentes” dos Apóstolos, isto é, discípulos de Jesus que empreendem a obra de pregar o Reino até ao fim dos tempos, o regresso de Jesus. [57]

Simplemente não servirá, então, para erradicar a pregação de Jesus sobre o Reino de Deus como um reinado ainda futuro do Messias na Terra, no final desta era presente. Devemos compreender a forma hebraica como ele falava e ensinava. É um facto simples que “as referências ao Reino como futuro superam em cerca de 20 para 1 o pequeno número de declarações em que se diz que o Reino está, num sentido diferente, presente”. [58]

## Uma pergunta errada?

Um certo professor de uma faculdade bíblica acabara de pregar um sermão inteiro sobre *Atos 1*. Todos na congregação pareciam muito impressionados e satisfeitos com a abordagem moderna e contemporânea que este estudioso tinha adotado. Mas fiquei ali sentado com a sensação de ter gostado dos legumes, mas queria um bife para acompanhar. Onde estava a carne, a substância, a proteína? Decidi abordar o orador da faculdade bíblica e fazer-lhe, educadamente, a pergunta que tinha em mente. Depois de o felicitar (sempre uma forma educada de começar), disse: “Omitiu o versículo 6 no seu sermão. Os discípulos perguntaram a Jesus: “*Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?*?” O que acha da pergunta dele? A resposta que me deram não me surpreendeu. Foi o que aprendi no Instituto Bíblico. É o que diz a maioria dos expositores e comentadores. A sua resposta foi: “Os discípulos ainda não compreendem, não é verdade? As suas mentes ainda estavam presas à velha ideia judaica de que Jesus veio para derrotar os inimigos de Israel e estabelecer um império político onde Israel, através do seu Messias, governaria o mundo. A pergunta dos discípulos mostra quão desajeitados e lentos eram. Foi a pergunta errada. Isso deve ter frustrado muito Jesus”.

Talvez não haja outro versículo no NT que tenha sido mais mal compreendido do que *Atos 1:6*. Vamos preparar o cenário. O Senhor Jesus ressuscitou dos mortos. “*Com muitas provas convincentes*” mostrou aos discípulos que está realmente vivo. Mas em breve ele os deixará para sempre. Ele será levado para o céu. Sem dúvida que estes quarenta dias entre a ressurreição e a ascensão de Jesus foram muito valiosos para os discípulos. Lucas resume o tema final do diálogo entre os discípulos e o Senhor Jesus. Se li isto corretamente, houve realmente apenas um item principal na agenda de Jesus durante todo aquele período pós-ressurreição. Jesus estava a falar “*do reino de Deus*” (versículo 3). Este é precisamente o mesmo fardo e tema que ocupou todo o seu ministério pré-crucificação!

É de perguntar: uma vez que Jesus estava sempre a “falar das coisas relativas ao reino de Deus” – mesmo depois da sua ressurreição – porque persistiu a crença de que os discípulos eram desajeitados e lentos a fazer a pergunta do versículo 6? O reformador *João Calvino* é típico de uma exposição inepta do Evangelho. Surpreendentemente *Calvino* disse que esta pergunta dos discípulos contém mais erros do que palavras! *Calvino* afirmou que a sua cegueira era notável, que depois de uma instrução cuidadosa durante três anos, revelaram não menos ignorância do que se nunca tivessem ouvido uma palavra! *William Barclay* concorda com este sentimento:

Durante todo o seu ministério, Jesus trabalhou sob grande desvantagem. O centro da sua mensagem era o Reino de Deus (*Marcos 1:14*). Mas o problema é que ele queria dizer uma coisa com o Reino e aqueles que o ouviam queriam dizer outra completamente diferente ... interpretaram isso como significando que estavam inevitavelmente destinados a honras e privilégios especiais e ao domínio mundial .... Procuravam um dia em que isso através da intervenção divina, a soberania mundial com que sonharam seria deles. Conceberam o Reino em termos políticos. Como é que Jesus concebeu isso? [*Barclay* dará agora o seu próprio entendimento com base na petição do Pai Nosso: “*Venha o teu reino; seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu*”]. Vemos que, por Reino, Jesus estava a referir-se a uma sociedade na terra onde a vontade de Deus seria feita tão perfeitamente como no céu. [59]

Aqui *Barclay* disse uma verdade parcial. O Reino será certamente uma sociedade na Terra, mas será igualmente uma sociedade iniciada pelo regresso de Jesus para governar o mundo com o seu povo de todas as idades. *Barclay* comete o erro clássico de equiparar o Reino à Igreja. Noutro

lugar, *Barclay* declara inequivocamente: “O único trono que ele [Jesus] podia ocupar era um trono no coração dos homens”. [60] Este é o pensamento tradicional típico. A ideia de que o Reino de Deus é meramente “espiritual” e que onde quer que o povo de Deus esteja “a trabalhar na causa da fraternidade humana, do amor e da compaixão, aí está entronizado o Rei dos Judeus” é generalizada e destrutiva do Evangelho dos Judeus. [61] O comentário de *Mathew Henry* também segue este padrão tradicional. Segundo *Henrique*, os discípulos “pensavam que Cristo restauraria o reino a Israel, enquanto Cristo (na realidade) veio para estabelecer o seu próprio reino, e que um reino dos céus, não para restaurar o reino a Israel, um reino terreno”. [62]

Muitos comentadores e cristãos foram enganados durante séculos sobre a natureza do Reino de Deus pela conhecida tradução errada de *Lucas 17:21* (tradução VKJ): “o Reino de Deus está dentro de vós”. Hoje, todos os estudiosos e tradutores sérios concordam que o texto deveria ser: “O reino de Deus está entre vós ou no meio de vós”. A palavra grega “entos” pode significar “dentro” ou “entre”, mas no contexto atual traduzi-la “entre” significaria que, em resposta à pergunta dos fariseus sobre quando viria o Reino de Deus (*Lucas 17:20*), Jesus disse-lhes que o Reino de Deus estava no meio deles! Isto contradiria tudo o que Jesus disse sobre o Reino ou os fariseus. Além disso, uma vez que qualquer outra referência ao Reino pressupõe que ele ainda está por vir e uma vez que o verbo em todas as outras orações da passagem (*Lucas 17:20-37*) está no futuro, este versículo deve ser entendido como significando que alguém dia descobrirão que o Reino de Deus está súbita e inesperadamente entre eles. [63]

Esta falsa conceição de que o Reino de Deus era o reino de Deus “dentro do coração do crente” surgiu historicamente do facto de a Igreja ter tido que enfrentar desde o início o grave problema do adiamento das suas expectativas terrenas. Claramente, o Reino de Deus através do Seu Messias não veio à Terra na sua forma final. Será que então Jesus se tinha enganado na sua esperança messiânica? Talvez tudo o que Jesus pretendesse fazer fosse estabelecer o seu trono no coração dos homens? De uma forma bastante pouco convincente e pouco convincente, a Igreja “espiritualizou” o seu Jesus e a sua mensagem foi despojada do seu conteúdo messiânico. No entanto, a suposição de que os discípulos ensinados pessoalmente por Jesus não sabiam o que significava o Reino de Deus baseia-se numa incapacidade de compreender o messianismo do Evangelho de Jesus e numa exegese pobre de *Atos 1*. Aponta para a rejeição e incapacidade do Igreja para compreender a mensagem de todos os profetas de Israel. Também distorce a mensagem constantemente pregada pelos apóstolos ao longo do livro dos Atos, como mostrarei agora.

Em primeiro lugar, fixemos firmemente nas nossas mentes que *Atos 1:6* regista a última pergunta dos discípulos a Jesus antes de Ele lhes ser tirado. Já não há tempo para conversas tranquilas à beira-mar. Quando alguém que amamos muito está prestes a deixar-nos para sempre, não há conversa de circunstância. Todo o programa de Jesus está aqui em jogo, com este grupo restrito de homens que estiveram com ele desde o início. O tema em discussão (apenas para voltar a enfatizar o contexto) é “*concernentes ao reino de Deus*” (versículo 3). Ao mesmo tempo (note-se a conjunção “e” no versículo 4) Jesus ordena aos discípulos que esperem pelo Espírito Santo prometido. Para a mente hebraica, a menção da vinda do Espírito estava associada à vinda da glória messiânica profetizada no AT. Muitas passagens da Bíblia Hebraica previram que, quando o Messias estabelecer o seu Reino terreno, essa Era será uma era do Espírito do Senhor. Esta Era gloriosa será marcada por um derramamento sem precedentes do Espírito, do conhecimento e do poder do Senhor. Esta era do Reino do Espírito será marcada pela renovação de toda a natureza e pela bênção de Israel (por exemplo, *Isaias 11:1-9*). Na mente judaica, o Reino de Deus era sinónimo do poder renovador do Espírito. Então, quando os discípulos ouvem que o Espírito está

prestes a vir, as suas antenas levantam-se imediatamente! Fazem a sua pergunta lógica: “*Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?*” (versículo 6).

Não vamos perder de vista o ponto agora. Jesus faz uma advertência, mas é uma advertência apenas sobre o tempo daquela restauração esperada, não sobre o facto da restauração: “*E disse-lhes: Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder. Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra*”. (Atos 1:7, 8). Temos aqui em mente dois acontecimentos distintos: a vinda do Espírito “*não muito depois destes dias*” (versículos 5) e a vinda do Reino num tempo desconhecido no futuro (versículos 6-7). Capacitação para o ministério através da vinda do Espírito (daqui a apenas alguns dias) e da vinda do Reino para a renovação de todas as coisas na terra, num momento conhecido apenas pelo Pai. Portanto, temos aqui em mente dois tempos e acontecimentos distintos, provando, sem sombra de dúvida, que o Reino não veio no dia de Pentecostes. A vinda do Espírito no dia de Pentecostes foi o depósito, o sinal, “*o penhor da nossa herança*” (Efésios 1:14) para esse Reino futuro. A vinda do Espírito permite-nos viver como testemunhas de Cristo até que a esperança do Reino restaurado para Israel se torne realidade. Entretanto, a Igreja deve anunciar “*o testemunho de Jesus*”, o Evangelho do Reino, e assim falar profeticamente com “*o espírito de profecia*” (Apocalipse 19:10).

A pergunta dos discípulos de que Jesus iria agora restaurar o Reino a Israel representa o clímax da vida e do ministério de Jesus. Longe de serem idiotas, apenas provam o quão “densa” é a teologia posterior quando interpreta o Reino como sendo a atual era da Igreja! Equiparar a vinda do Espírito no dia de Pentecostes com o (ainda futuro) Reino de Deus arrancou o coração do Evangelho do Reino de Jesus. Privou o povo de uma esperança brilhante para o futuro.

Na área médica, existe informação anedótica de que, ocasionalmente, após um transplante cardíaco completo, a personalidade de uma pessoa pode mudar. Ouvi isso de vez em quando no meu trabalho como paramédico. Agora que o coração de outra pessoa bate no peito do doente, os familiares ficam por vezes surpreendidos com as alterações de personalidade. Num paralelo alegórico, a Igreja, sem o saber, colocou-se na mesa de operações e aceitou um transplante de coração que alterou toda a sua personalidade, por assim dizer. Em vez de um coração hebreu a bater com a esperança pulsante do Reino de Deus vindouro sob o Senhor Messias designado por Deus, encontramos-nos agora num estado enfraquecido e insípido, drogados por um transplante de coração de um dador substituto (gentio) que mostra toda a os sinais de ser rejeitado. para o seu corpo. Ou, para usar a ilustração que utilizei no início deste capítulo, um evangelho do cuco – “outro evangelho” – fixou residência no ninho!

Se forem necessárias mais provas de que os discípulos acertaram na pergunta, só precisamos de ler o resto do livro dos Atos para ver quão proeminente foi o lugar que o vindouro Reino de Deus desempenhou na pregação e no testemunho dos apóstolos. Em Atos 3, os apóstolos Pedro e João curaram milagrosamente um homem coxo. O homem que nasceu coxo, agora anda, salta e grita louvores a Deus. Isto cria um grande rebuliço. Uma multidão de curiosos junta-se e Pedro começa a pregar-lhes. Diz à multidão que o homem foi curado em nome de Jesus, o Jesus que eles foram responsáveis por crucificar. Pedro explica à multidão que Jesus foi ressuscitado dentre os mortos por Deus e levado ao céu, e está aguardando o tempo determinado para regressar à terra, exatamente como “*que já dantes pela boca de todos os seus profetas havia anunciado*” (Atos 3:18). Pedro acrescenta que, porque o Messias Jesus está agora no céu, as promessas de Deus para o

Reino estão garantidas. Na verdade, Pedro usa uma linguagem quase idêntica à pergunta que os discípulos fizeram antes da ascensão de Jesus em *Atos 1:6*:

*“Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os **tempos do refrigério** pela presença do Senhor; E envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado. O qual convém que o céu contenha até **aos tempos da restauração de tudo**, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio”* (*Atos 3:19-21*).

O leitor atento notará a estreita ligação entre estes versículos e a pergunta que os discípulos fizeram a Jesus sobre a restauração do trono davídico. Lucas, que escreveu o Evangelho de Lucas e o livro dos Atos, é muito consistente neste ponto. O anjo Gabriel anunciou a Maria antes de dar à Luz Jesus que *“Este será grande, e será chamado filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; E reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim”* (*Lucas 1:32, 33*).

É claro que para o Dr. Lucas, a restauração de Israel sob o Messias que aparece do céu é sinónimo da restauração do trono de David e da vinda do Reino de Deus. Anthony Buzzard chama a nossa atenção para as “frases intercambiáveis” de Lucas com este resumo:

A chegada do Reino apocalíptico (*Lucas 21:31*) = a redenção dos discípulos (*Lucas 21:28*) = a redenção em Jerusalém (*Lucas 2:38*) = a redenção de Israel (*Lucas 24:21*).

O Reino futuro esperado (*Lucas 23:51*) = o conforto esperado de Israel (*Lucas 2:25*).

A restauração do Reino a Israel (*Atos 1:6*) = os tempos da restauração de tudo o que foi prometido pela boca dos profetas (*Atos 3:21*) = a restauração da casa de David conforme prometido pela boca dos profetas (*Lucas 1:70*) = a entronização de Jesus no trono de David de que é herdeiro (*Lucas 1:32, 33*). [64]

Se o leitor dedicar algum tempo a comparar estas referências, verá claramente que os grandes acontecimentos de que fala Lucas a respeito do trono de David e da esperada consolação de Israel não se cumpriram quando o Espírito foi derramado no Pentecostes e, portanto, não se cumpriram. A ausência de Jesus no céu é um interlúdio temporário enquanto se aguarda o fim da presente era. “O anúncio inicial de Gabriel sobre a restauração do trono de David (*Lucas 1:32*) e a pergunta final dos discípulos sobre a restauração de Israel (*Atos 1:6*) abrangem todo o relato de Lucas sobre a fé cristã” [65]

Um exame do conteúdo do Evangelho pregado no livro dos Atos demonstra também que os discípulos compreenderam que Jesus voltaria para cumprir tudo o que as Escrituras Hebraicas tinham predito sobre o Reino, Israel e a dinastia davídica do Senhor Messias. Em Atos 8, Filipe estava a conduzir uma campanha evangelística de muito sucesso em Samaria. Lemos que *“Ihes pregava acerca do reino de Deus, e do nome de Jesus Cristo”* (versículo 12). Os apóstolos *“ouvindo que Samaria recebera a palavra de Deus”* (versículo 14). Aqui observamos novamente os termos sinónimos de Lucas. “O Reino de Deus” é equivalente à “palavra de Deus”. Sempre que lemos que os apóstolos pregaram “a palavra” ou proclamaram “o evangelho” ou pregaram “o nome de Jesus Messias” (como mais tarde nos versículos 25 e 35) devemos entender que Lucas quer dizer que eles pregaram “o Reino de Deus”, com todo o seu conteúdo hebraico. Esta troca de termos está também registada em *Atos 14*:

*“E, tendo anunciado o evangelho naquela cidade e feito muitos discípulos, voltaram para Listra, e Icônio e Antioquia ... Confirmando os ânimos dos discípulos, exortando-os a permanecer na fé, pois que por muitas tribulações nos importa entrar no reino de Deus... E, tendo anunciado a palavra em Perge, desceram a Atalia” (Atos 14:21, 22, 25).*

De novo:

*“E, entrando na sinagoga, falou ousadamente por espaço de três meses, disputando e persuadindo-os acerca do reino de Deus ... E durou isto por espaço de dois anos; de tal maneira que todos os que habitavam na Ásia ouviram a palavra do Senhor Jesus, assim judeus como gregos” (Atos 19:8, 10).*

Quando o apóstolo Paulo descreve o ministério de pregação que recebeu do Senhor Jesus “para testificar solenemente **do evangelho da graça de Deus**”, define imediatamente este evangelho da graça como “pregar o reino” (Atos 20:24, 25). E até ao fim da sua vida, conforme registado nos últimos capítulos de Atos, Paulo recorda ao seu público que sempre testemunhou o Evangelho do “reino de Deus” e tentou persuadi-los sobre Jesus como o centro do plano de Deus. e como o Messias se conformou com tudo o que “a Lei de Moisés” e “os Profetas” tinham predito (Atos 28:23). Na verdade, esta ênfase no Reino de Deus é sublinhada no último versículo de Lucas: Paulo acolheu todos os que se aproximavam dele, “regando o reino de Deus, e ensinando com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo”, o Messias (Atos 28:31). Como comenta George Ladd: “É de grande interesse que Lucas resuma o conteúdo da pregação de Paulo aos gentios com a frase não helenística ‘o reino de Deus’”. [66]

Muitos tentaram promover a ideia de que Paulo pregou o Evangelho do Reino aos Judeus e não falou do Reino aos Gentios. Esta falácia é facilmente eliminada. Já notámos como ele aplicou as promessas abraâmicas a todos os cristãos, quer judeus, quer gentios (por exemplo, *Gálatas 3:14, 29*). Paulo adverte que todos os que não vivem na fé, pureza e poder daquele Reino vindouro “*não herdarão o reino de Deus*” (*Gálatas 5:21*). Um dos grandes apelos de Paulo à igreja de Corinto, que comparecia perante os tribunais civis, era perguntar retoricamente: “*Não sabeis que os santos [verdadeiros crentes] devem governar o mundo? Se o mundo estiver sob a sua jurisdição, é incompetente para decidir sobre ninharias?*” (1 *Coríntios 6:2, 3*, Moffat). Paulo repetiu o ensino de Jesus de que nos estamos a preparar para posições de autoridade e gestão (compare-se, “*co-herdeiros de Cristo*”, *Romanos 8:17*) no Reino vindouro. Quão inadequado é então, diz Paulo, que estes cristãos deixem de demonstrar que estavam aptos para este futuro cargo real no Reino de Deus, tratando-se mal uns aos outros. Nem devemos ignorar a ligação que o escritor de Hebreus (muitos acreditam ser Paulo) faz entre a prometida “*grande salvação*” e a esperança de supervisionar a vindoura “*o mundo futuro, de que falamos*” (*Hebreus 2:3, 5*). Não importa que provações e sacrifícios o crente possa suportar neste presente mundo mau, a esperança apostólica sempre foi que “*Se sofrermos, s [agora], também com ele reinaremos [então]*” (2 *Timóteo 2:12*). E, “*Porque a nossa leve e momentânea tribulação [agora] produz para nós um peso eterno de glória mui excelente [então]*” (2 *Coríntios 4:17*).

O testemunho unido de toda a pregação do Evangelho do NT são as boas novas anunciadas a todos, judeus e gentios, homens e mulheres, sobre o Reino de Deus que se avizinha. É sobre como Jesus é o Senhor Messias prometido que tornará realidade todas as promessas de Deus aos “pais”. É sobre como o Homem designado por Deus virá para destruir o controlo de Satanás sobre este mundo (*Atos 17:31*), e como a Era Messiânica vindoura será o tempo em que o Espírito do Senhor trará o prometido refrigério e restauração de todas as coisas. na terra de que os profetas falaram.



Assim, para Lucas, a pergunta dos discípulos em *Atos 1:6* era a pergunta certa. A vinda do Espírito no Pentecostes iria capacitá-los a proclamar o Reino vindouro, quando Jesus, o Messias, se sentará no trono davídico de Israel, e todas as nações da terra estarão sob o seu reinado de justiça e paz eterna.

Quando a nuvem de confusão sobre o Reino de Deus se dissipar e quando os comentadores acreditarem no que o NT diz sobre o futuro, ficará claro que *Atos 1:6* é um texto que julga a nossa falta de fé nos profetas e em Jesus. e a nossa relutância em aceitar que os Apóstolos sabiam melhor do que nós o que Jesus queria dizer com Reino de Deus. [67]

Seguir Jesus significa acreditar naquilo em que acreditou, que julgará as nações e estabelecerá o seu palácio real em Jerusalém. Crer no Jesus do NT é estar persuadido e comprometido com o Reino a que Ele vai presidir. Que Deus nos dê a graça de partilhar a mesma esperança apostólica de que “*Porque nós pelo Espírito da fé aguardamos a esperança da justiça*” (*Gálatas 5:5*) e de que não estamos entre aqueles que “*não herdarão o reino de Deus*”. (*Gálatas 5:21*). A fidelidade ao seu Evangelho do Reino nesta vida prepara-nos para posições de governo conjunto com o Rei Jesus (*Lucas 19:17*). Os apóstolos acreditaram na palavra do Evangelho: “*E eu vos destino o reino, como meu Pai mo destinou, para que comais e bebais à minha mesa no meu reino, e vos assenteis sobre tronos, julgando as doze tribos de Israel*” (*Lucas 22:29, 30*). Devemos acreditar na palavra do Evangelho de Jesus entregue por ele e mais tarde pelos seus apóstolos comissionados, para que quando Jesus, o Messias, regressar, nós também, se formos leais a ele, possamos ajudar a gerir os seus assuntos numa terra renovada. Pelo Seu poder de ressurreição entraremos no gozo da nossa cidadania como filhos do Reino em novos corpos que nunca morrem e nunca ficam doentes (*Filipenses 3:20, 21; Romanos 8:23*), com todas as lágrimas enxugadas (*Apocalipse 21:4*).

O Evangelho cristão diz-nos que o que a humanidade perdeu através de Adão será recuperado no Reino do Messias. O Evangelho chama-nos a cogovernar com Cristo o novo Paraíso na terra. Isto por si só responde àquele sentimento profundo dentro da alma do homem de que lhe falta algo para o qual foi inicialmente criado. A glória perdida será a glória restaurada. Originalmente criado para ter dignidade sob Deus, originalmente criado para “subjugar” a terra e governar este mundo com uma gestão de amor e cuidado, o homem perdeu tragicamente o seu direito à realeza. O Evangelho do Reino de Deus anuncia que será totalmente restaurado. O grande plano de Deus prometido a Eva, Abraão e David avança em direção a este grande objetivo. Finalmente será cumprido através do nosso Senhor Jesus Messias. A história está a ir para algum lado. Quando chegar a plenitude dos tempos, Deus Pai, o único Deus verdadeiro de Jesus, resumirá todas as coisas em Cristo, quer estejam no céu ou na terra (*Efésios 1:10*). A honra e a glória suprema de Deus dependem deste Evangelho do Reino. Na vinda de Cristo, todo o governo e poder hostil serão abolidos sob a liderança de Jesus, o Messias. Passados mil anos, o nosso bendito Senhor e Salvador entregará o Reino ao seu Pai, “*para que Deus seja tudo em todos*” (*1 Coríntios 15:24-28*). Se esta esperança de uma Terra renovada sob o Rei universal de Deus, Jesus, não se concretizar, então a grande aliança de Deus com Abraão e David terá falhado redondamente. O Evangelho do Reino ter-se-á revelado um grande engano. Os “pais” e os profetas e os apóstolos terão sido insensatos enganados. Terão morrido em vão. Eles desencaminharam-nos. Deus é um mentiroso. Cristo é escuridão. O diabo e o mal vencem. Não há justiça. Não há boas notícias.

Mas não estamos entre aqueles que não têm esperança. Não estamos entre aqueles que recuam na descrença. Cristo está vivo! Cristo está vivo! “*Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá, até os mesmos que o traspassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele*” (*Apocalipse 1:7*). Mesmo agora podemos saborear os poderes dessa era vindoura (*Hebreus 6:5*). Nós, com

todos os fiéis de todas as gerações, procuramos aquele Reino “que não pode ser abalado” (*Hebreus 12:28*). Aguardamos com expectativa o dia em que será dito do céu: “Agora é chegada a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo” e quando “o acusador dos nossos irmãos” (*Apocalipse 12:10*), que agora engana o mundo inteiro, será preso “não mais engane as nações” (*Apocalipse 20:3*).

Que privilégio estar entre aqueles a quem “foi dado conhecer os mistérios do reino dos céus” (*Mateus 13:11*). Que Deus nos conceda a todos receber e comprometer-nos de forma inteligente com esta “palavra do Reino” para que o Diabo não roube a esperança que Deus nos deu através do Seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor (*Mateus 13:19*).

Posso repetir o retumbante desafio de *Anthony Buzzard* anteriormente citado neste capítulo? Isto capta maravilhosamente o convite do Evangelho:

O Evangelho pregado por Jesus convida-o também a passar o resto da sua vida a preparar-se para participar na supervisão deste futuro Reino numa terra renovada. Está convidado a ser co-herdeiro do Reino com o Messias. Em suma, o Jesus da história, o “teocrata” original, continua o seu trabalho de recrutamento de membros da sua casa real, o partido teocrático, que são instados a preparar-se com a ajuda divina para participarem no governo do Messias no futuro. Esta será a primeira e única administração que governará o mundo com sucesso. [68]

O desafio é claro. Como cristãos, devemos recuar ao início e procurar de novo, no contexto da visão judaica, abandonada pela Igreja, os mistérios do Reino de Deus. Como *Schonfield* contesta:

Lendo toneladas de teologia cristã moderna, é difícil encontrar qualquer consciência de que o messianismo que deu o nome ao cristianismo, o messianismo na sua expressão judaica nativa, poderia conter o segredo que poderia dar à Igreja a vida dentre os mortos. Devemos dizer que ou o messianismo era a essência do Evangelho, ou que o Cristianismo desde o seu início foi uma fraude. Tudo o resto pode desaparecer, mas aqui está a rocha sobre a qual o Reino de Deus deveria ser fundado. [69]

## Notas Finales

- [1] *Robert Funk*, “*Honest To Jesus: Jesus for a New Millennium*” (Honesto para Jesus: Jesus para um Novo Milénio), pág. 10.
- [2] *Roy Gustafson*, “*What Is the Gospel?*” (O que é o Evangelho?) Billy Graham Evangelical Association, 1980.
- [3] *Robert Funk*, “*Honest To Jesus*” (Honesto para Jesus), Pág 303
- [4] *Hugh Schonfield*, “*The Passover Plot*” (O Enredo da Páscoa), págs. 22-23.
- [5] *Ibid.*, pág. 39.
- [6] *Robert Hach*, “*Possession and Persuasion*” (Possessão e persuasão), pág. 127.
- [7] *N.T. Wright*, “*Who Was Jesus?*” (Quem foi Jesus?) págs. 97-98.
- [8] *Hugh Schonfield*, “*The Passover Plot*” (O Enredo da Páscoa), pág. 226
- [9] *Ecc. Hist.* III, xii, xix-xx, xxxii, 3-4.
- [10] *G.E. Ladd*, “*A Theology of the New Testament*” (Uma Teologia do Novo Testamento), pág. 181.
- [11] “*Dialogue with Trypho*” (Diálogo com Trypho).
- [12] *N.T. Wright*, “*Who Was Jesus?*” (Quem foi Jesus?) pág. 56.
- [13] *Hugh Schonfield*, “*The Passover Plot*” (O Enredo da Páscoa), pág. 22
- [14] *N.T. Wright*, “*The Meaning of Jesus*” (O significado de Jesus), Harper San Francisco, 1999, pág. 33.
- [15] *Ibid.*, pág. 35
- [16] “*Antiquities*” (Antiguidades), 18, 3, 1, a cursiva é minha.

- [ 7] Eusebio, “Proof” (Proba), 11, 5.
- [18] N.T. Wright, “The Meaning of Jesus” (O significado de Jesus), pág. 38.
- [19] *Ibid.*, pág. 39.
- [20] N.T. Wright, “Who Was Jesus?” (Quem foi Jesus?) pág. 101.
- [21] Reconheço livremente a minha dívida para com N.T. Wright por grande parte deste material, e encorajo o leitor a rever o seu capítulo intitulado “The Mission and Message of Jesus” (A Missão e a Mensagem de Jesus) em “The Meaning of Jesus” (O significado de Jesus).
- [22] N.T. Wright, “Who Was Jesus?” (Quem foi Jesus?) pág. 99.
- [23] Baigent et al, “The Messianic Legacy” (O legado messiânico), pág. 73, ênfase acrescentada.
- [24] N.T. Wright, “The Meaning of Jesus” (O significado de Jesus), pág. 49.
- [25] *Ibid.*, pág. 50.
- [26] Ian Jones, “Joshua: The Man They Called Jesus” (Joshua: O Homem a Quem Chamaram Jesus), Melbourne: Griffin Press, pág. 238.
- [27] Josefo, “Against Apion” (Contra Apion) 25, 31.
- [28] Josefo, “Antiquities” (antiguidades) 20, 9, 1.
- [29] *Ibid.*, pág. 233.
- [30] Baigent et al, “The Messianic Legacy” (O legado messiânico), pág. 45.
- [31] N.T. Wright, “The Meaning of Jesus” (O significado de Jesus), pág. 102.
- [32] Anthony Buzzard, “Our Fathers Who Aren't in Heaven” (Nossos pais que não estão no céu), Restoration Fellowship, 1995, pág. 122.
- [33] N.T. Wright, “The Meaning of Jesus” (O significado de Jesus), p. 103, ênfase acrescentada.
- [34] *Ibid.*, pág. 107, ênfase acrescentada.
- [35] Schonfield, “The Passover Plot” (O Enredo da Páscoa), pág. 170.
- [36] Anthony Buzzard, “The Coming Kingdom of the Messiah” (O Reino Vindouro do Messias), Restoration Fellowship, 2002, pág. 28.
- [37] G.E. Ladd, “A Theology of the New Testament” (Uma Teologia do Novo Testamento), pág. 94.
- [38] *Ibid.*, pág. 98.
- [39] *Ibid.*, pág. 58, ênfase acrescentada.
- [40] *Ibid.*, pág. 97.
- [41] *Ibid.*, págs. 99-100.
- [42] Kuschel, “Born Before All Time?” (Nascidos Antes de Todos os Tempos?) pág. 461.
- [43] G.E. Ladd, “A Theology of the New Testament” (Uma Teologia do Novo Testamento), págs. 100-101.
- [44] Anthony Buzzard, “The Coming Kingdom of the Messiah” (O Reino Vindouro do Messias), pág. 7.
- [45] G.E. Ladd, “A Theology of the New Testament” (Uma Teologia do Novo Testamento), pág. 105.
- [46] R. Hach, “Possession and Persuasion” (Possessão e persuasão), pág. 138.
- [47] *Ibid.*, pág. 139.
- [48] Anthony Buzzard, “The Coming Kingdom of the Messiah” (O Reino Vindouro do Messias), pág. 72
- [49] Anthony Buzzard, “Our Fathers Who Aren't in Heaven” (Nossos pais que não estão no céu), pág. 26.
- [50] *Ibid.*, pág. 22.
- [51] *Ibid.*, pág. 54.
- [52] John R. Rice, “The Coming Kingdom of Christ” (O Reino Vindouro de Cristo), Murfreesboro, TN: “Sword of the Lord” (Espada do Senhor), 1945, págs. 28-30.
- [53] *Ibid.*, pág. 30.
- [54] Anthony Buzzard, “The Coming Kingdom of the Messiah” (O Reino Vindouro do Messias), pág. 21.
- [55] G.E. Ladd, “A Theology of the New Testament” (Uma Teologia do Novo Testamento), pág. 61.
- [56] J.R. Rice, “The Coming Kingdom of Christ” (O Reino Vindouro de Cristo), pág. 60
- [57] Anthony Buzzard, “Focus on the Kingdom” (Focado no Reino), vol. 7, no. 5, pág. 4.
- [58] *Ibid.*, pág. 6.
- [59] William Barclay, “The Acts of the Apostles” (Os Atos dos Apóstolos), Edimburgo: Saint Andrew Press, 1953, págs. 3-4.
- [60] William Barclay, “Jesus as They Saw Him” (Jesus como o viam), pág. 243.
- [61] Schonfield, “The Passover Plot” (O Enredo da Páscoa), pág. 206.
- [62] Matthew Henry, “Commentary on the Whole Bible, Genesis to Revelation” (Comentários sobre toda a Bíblia, do Gênesis ao Apocalipse), Londres: Marshall, Morgan & Scott, 1960, pág. 435, ênfase original.
- [63] Albert Nolan, “Jesus Before Christianity” (Jesus antes do cristianismo), págs. 46-47.
- [64] Anthony Buzzard, “Our Fathers Who Aren't in Heaven” (Nossos pais que não estão no céu) pág. 189.

- [65] *Ibid.*, pág. 190.
- [66] G.E. Ladd, “*A Theology of the New Testament*” (Uma Teologia do Novo Testamento), pág. 333.
- [67] Anthony Buzzard, “*Our Fathers Who Aren't in Heaven*” (Nossos pais que não estão no céu), pág. 196.
- [68] Anthony Buzzard, “*The Coming Kingdom of the Messiah*” (O Reino Vindouro do Messias), pág. 7.
- [69] Hugh Schonfield, “*Those Incredible Christians*” (Aqueles Cristãos Incríveis), pág. 239.